



# Juliano Moreira

O MESTRE | A INSTITUIÇÃO

Cidade do Salvador

Bahia

2007

Juliano Moreira. O Mestre. A Instituição.

© 2007. Memorial Professor Juliano Moreira  
1ª Edição. 2007. Tiragem: 1000 exemplares  
É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

Pesquisa e Texto: Estenio Iriart El-Bainy

-Capa e Projeto Gráfico

Nilton Rezende - (Empresa Gráfica da Bahia)

-Equipe do MemorialJM

Carla da Cruz Ribeiro(Bibliotecário), Paulo Sérgio do Nascimento (Informática) e  
Gersonita Diná (Apoio)

Distribuição e Informações:

-Memorial Professor Juliano Moreira

(Hospital Juliano Moreira)

Avenida Edgard Santos, s/nº (Narandiba)

CEP: 41.211-005 / Salvador – BAHIA

Tel: 71-3231.6644 (ramal 210)

TelFax: 71-3232.4780

e-mail: memorialjm@hotmail.com

sítio: memorialjulianomoreira.ba.gov.br

# Sumário

## Segmento I – O MESTRE

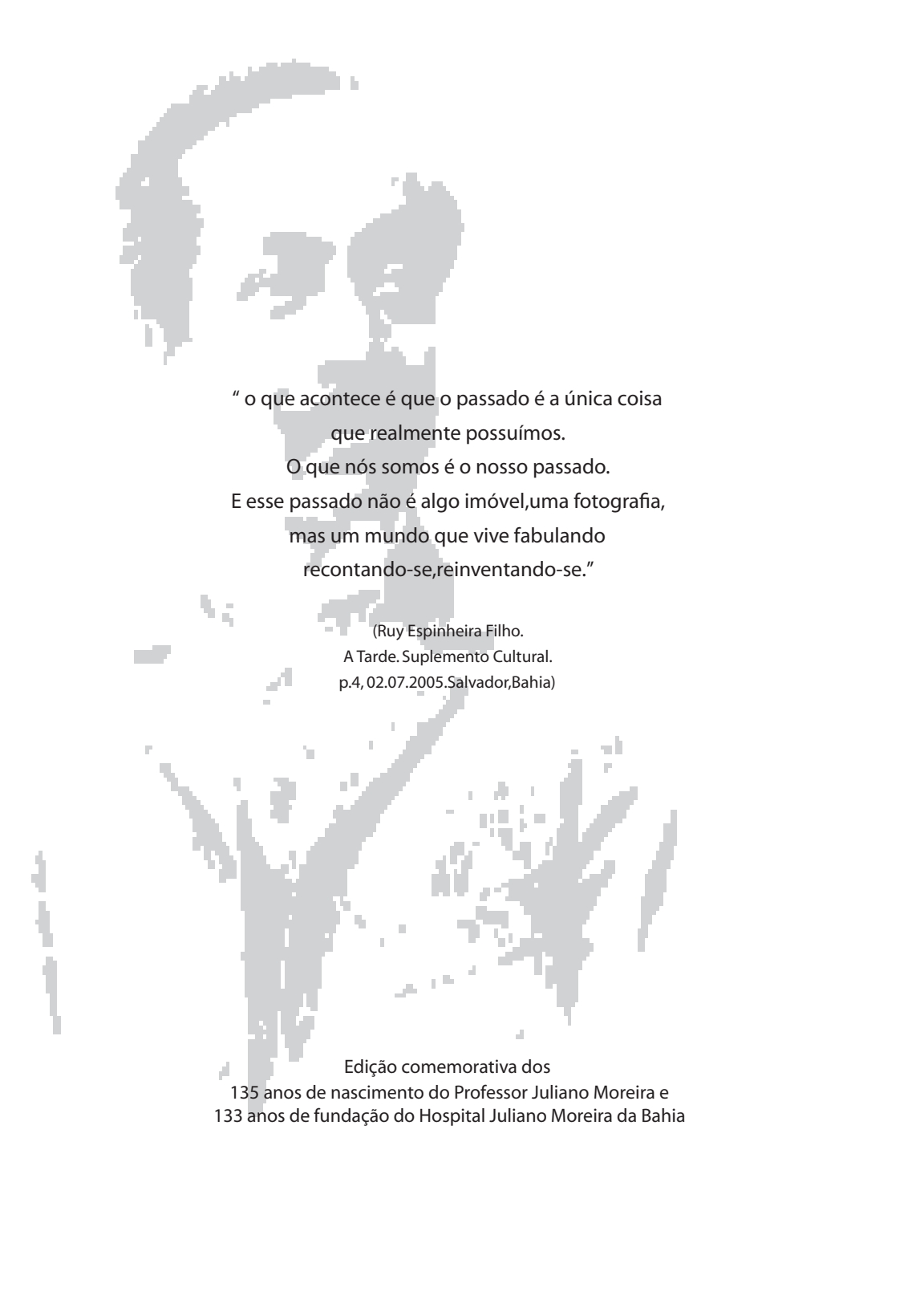
Sua Biografia _____	08
Referências Biográficas _____	28
Bibliocronografia _____	38

## Segmento II – A INSTITUIÇÃO

Sua História _____	53
Diretores Gerais _____	70

## Segmento III –

Fontes Consultadas _____	73
Anos marcantes na história da saúde mental no Brasil _____	75



“ o que acontece é que o passado é a única coisa  
que realmente possuímos.  
O que nós somos é o nosso passado.  
E esse passado não é algo imóvel, uma fotografia,  
mas um mundo que vive fabulando  
recontando-se, reinventando-se.”

(Ruy Espinheira Filho.  
A Tarde. Suplemento Cultural.  
p.4, 02.07.2005.Salvador,Bahia)

Edição comemorativa dos  
135 anos de nascimento do Professor Juliano Moreira e  
133 anos de fundação do Hospital Juliano Moreira da Bahia

de São João de  
de 1853.

de São João de  
de 1853.

SEGMENTO I | O MESTRE

de São João de  
de 1853.

de São João de  
de 1853.

de São João de  
de 1853.

Juliano Moreira foi, efetivamente, entre nós, o homen piedoso e compadecido médico dos loucos, o homen que afetuosamente sorria à aproximação dos insanos, realizando, desde o primeiro momento, a sua espontânea terapêutica pelo afeto. Ouvia os delírios dos loucos com redobrada paciência, ternura e desvelada consideração escutando as queixas dos melancólicos e as exaltadas narrativas dos agitados.

Foi o magnífico sonhador da cura da alienação mental e sentindo que a consecução dessa tarefa exigia a compreensão das suas causas e dos seus mecanismos. Incrementou a pesquisa.

Orientou estudos e verificações que formam hoje grande parte da notável bibliografia brasileira concernente à patologia mental.

Investigou a natureza dos fatos clínicos. Estudou e difundiu doutrinas e conceitos, interessando-se em todas essas questões discípulos e colaboradores. Toda sua obra foi realizada com abnegação e bondade. Sua vida foi à realização de um grande sonho de altruísmo, que só podia ser executado, da maneira como o foi, por quem como ele, tinha um cérebro forte a serviço de um coração magnânimo.

A natureza deu-lhe aqueles grandes olhos salientes, as mais das vezes parados, porém profundamente penetrantes, como dois faróis, para que melhor pudesse ver as imperfeições da alma doentia dos homens. Enxergando com agudeza na escuridão das noites da loucura. E aquela cabeça portentosa parecia que se dilatara para que melhor pudesse conter

as idéias magníficas de seu sonho benfazejo.

Juliano Moreira era a própria sugestão do Bem. Nele tudo era simples e natural. O sorriso meigo e afetuoso que eternamente lhe animava a fisionomia sem sobressaltos, o desprendimento, a singeleza e a modéstia dos gestos comedidos. A amabilidade no trato e a simplicidade das palavras.

Tudo parecia indicar a predestinação do apóstolo do Bem, que compreendia e sentia a extensão da desgraça dos loucos. Na rua, quando ele passava, todos se voltavam respeitosos e curiosos, para olhá-lo na originalidade do tipo sugestivo.

Exponente de sua classe. Chefe de escola. Animador dos grandes empreendimentos científicos. Membro de sociedades culturais nacionais e internacionais. Presidente de agremiações sábias.

Ele, entretanto pela sua modéstia natural disfarçava as gigantescas proporções da sua personalidade e confundia-se com os menos graduados. Fugindo as ostentações e as evidências. Procurando produzir e trabalhar sem alardes. Acostumado a apiedar-se das desgraças infinitas dos alienados, ele aprimorou a alma da pureza da mais elevada expressão afetiva. Não aninhou sentimentos inferiores e passou pela vida sem conhecer o ódio.

Nobre e generosa a alma deste gigante da bondade. Excelsa grandeza a de sua vida portentosa. São Juliano! Chamou-o Humberto de Campos num perfil sugestivo e penetrante.

A lenda desse Médico incomum criou o mito que, a par dos reais e extraordinários méritos existentes em Juliano Moreira, veio a configurá-lo como uma das mais singulares personalidades que já cintilaram nos círculos médicos do Brasil. (Carrilho.1933).

## Sua Biografia

---

O Professor Juliano Moreira, nasceu a seis de janeiro de 1872 na Freguesia da Sé, hoje o espaço do Pelourinho, centro histórico da cidade do Salvador, na Bahia. Seu pai, o português Manoel do Carmo Moreira Junior era inspetor de iluminação pública. Seu trabalho era verificar se os trabalhadores acendiam os lampiões de ferro pelas ruas e calçadas da cidade. Galdina Joaquim do Amaral, sua mãe trabalhava como doméstica na casa do Barão de Itapuã, Adriano Gordilho, renomado médico baiano. São escassos em seus





Batistério do Prof. Juliano Moreira

“ Aos 16 de Outubro de 1872, baptizei e pus os Santos Óleos Juliano, pardo, nascido a seis de janeiro do mesmo anno, filho natural de Galdina Joaquina do Amaral. Foi Padrinho o Barão de Itapuã, e pos a coroa de N. Sra. Bernardimo Peres da Costa Chartinet. De que fui este e assignei. O Cônego Cura João José de Abrantes”.

(Original fotografado gentilmente cedido pelo Arquivo Publico Estadual)

limitados biógrafos os dados relativos à sua infância e meninice.

Desde o seu nascimento foi criado e conviveu sempre com a família do Barão de Itapuã, que se tornou seu padrinho.

Fez seus estudos iniciais no Colégio Pedro II e depois se transferiu para o Liceu Provincial na cidade do Salvador na Bahia. Em 1886 manifestando extraordinária precocidade se matriculava na Faculdade de Medicina da Bahia, berço do ensino médico no Brasil. Ainda cursando o quinto ano, em 1890, foi interno da Clínica Dermatológica e Sifiliográfica.

Conclui seu curso e logo após sua formatura (1891), apresenta a tese “Sífilis Maligna Precoce” tornando-se depois referência mundial no campo da sifilografia. Passa a clinicar, num curto espaço de tempo junto a Santa da Casa da Misericórdia sendo médico-adjunto do Hospital Santa Isabel. Em 15 de setembro de 1894, após concurso é nomeado preparador de anatomia médico-cirúrgica, Mas neste período, sem remuneração, torna-se assistente da cátedra de Clínica Psiquiátrica e de Doenças Nervosas iniciando-se a partir daí o seu aprendizado sobre as doenças mentais. Esta fase em todos os intervalos de suas atividades diárias aprimorava seus conhecimentos de outros idiomas tornando-se um dominador na comunicação oral e escrita do francês, inglês, italiano e o alemão. Sempre conhecido desde estudante como trabalhador metódico, adepto das ações em equipe, sempre querendo saber de tudo, com detalhes, comentando e discutindo. Seu destaque no meio acadêmico, na província baiana, o faz liderar a mobilização de professores e colegas fazendo surgir a Sociedade de Medicina e Cirurgia e, a Sociedade de Medicina Legal.

Em meados de 1895 descreve o botão endêmico, afirmando sua existência no Brasil. Como bolsista e limitados recursos financeiros em curta viagem a Europa frequenta cursos de doenças mentais dos professores Hitzig, Jolly, Flechsig, Kraf-Ebing. Os de clínicas médicas de Leyden e Nothnagel; os de anatomia patológica de Virchow e participa de reuniões e assiste palestras de Raymond, Dejerine, Gille de la tourette, Brissaud, Garnier, Maurice Fournier, Magnan na França. Consegue tempo para visitar os manicômios e clínicas psiquiátrica pelos países onde passava.

Neste mesmo ano é o primeiro cientista a descrever a Hidroa

Vaciniforme, publicado posteriormente no *British Journal of Dermatology*. Na clínica do professor Pacheco Mendes, em Salvador, realiza o primeiro exame microscópico no Brasil dos casos de Micetoma, assim como os casos de Goundum.

Desde 1886, com a persistência do médico João Carlos Teixeira Brandão, as Faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro criam o concurso para professor da 12ª seção que compreendia as doenças nervosas e mental sendo seu primeiro catedrático Augusto Freire Maia Bittencourt que logo depois veio a falecer deixando a cadeira sem titular durante alguns anos.

Atualizado com o ensino prático e teórico da disciplina inscreve-se no concurso para preenchimento da vaga deixada por Maia Bittencourt. Ao final de abril de 1896, mesmo enfrentando uma banca examinadora em sua maioria de declarados escravocratas, pode concluir sob calorosos aplausos a apresentação de sua tese oral “Disquinesias Arsenicais”. Logo após na leitura escrita desenvolveu o texto sobre “Meopatias Progressivas”. Todas as provas foram acompanhadas com a presença maciça dos estudantes e outras pessoas que lotaram o salão nobre da faculdade durante a prova prática, de didática e finalmente a defesa de tese.

A presença atuante justificava-se, pois temiam que houvesse algum ato que impossibilitasse o jovem médico Juliano Moreira vencer aquele concurso. Afinal, a escola tinha fama de racista, a banca era conhecida como escravocrata. Fazia poucos anos atrás que a Lei Áurea tinha sido assinada e a primeira Carta do Brasil republicano promulgada em 14 de fevereiro de 1891.

Transcorria o final da manhã de nove de maio e no Terreiro de

Jesus fervilhava desde cedo à frente dos portões da Faculdade de Medicina um enorme grupo de estudantes de medicina. Aquele dia estava marcado para finalmente ser divulgado o resultado do concurso para professor. Aberto os portões, os futuros médicos viram afixados no mural o resultado do exame, em que o jovem Juliano tinha recebido quinze notas máximas; era dele a vaga existente. Nem mesmo os escravocratas puderam deixar de reconhecer os seus méritos.

Com apenas vinte e três anos ele superava concorrentes poderosos e se tornava o mais novo professor da Faculdade de Medicina da Bahia. A comemoração do mérito sobre o preconceito fez naquele dia o Pelourinho viver momentos de intensa alegria e comemorações.

Semanas depois em dezesseis de junho é nomeado Professor. Em seu discurso de posse dizia: “Há quem se arrecei de que a pigmentação seja nuvem capaz de marear o brilho dessa faculdade. Subir sem outro borgão que não seja a abnegação ao trabalho, eis o que há de mais escabroso. Tentei subir assim, e se méritos tenho em minha vida este é um (...) Só o vício, a subserviência e a ignorância tismam a pasta humana quando a ela se misturam”.

Tempos, ainda às vezes presentes. O Mestre Juliano na sociedade daqueles dias era profundamente minoritário com suas idéias. Havia uma dominante consensualidade que a degeneração do brasileiro era atribuída à mestiçagem de seu povo. Idéias evolucionistas naquele século afirmavam que a raça negra e os fatores climáticos dos trópicos eram os verdadeiros causadores das doenças, incluindo-se as doenças mentais. A psiquiatria estabelecia

uma direta relação entre as doenças mentais e a raça. Juliano afirmava que deviam deixar os ridículos preconceitos de cores e castas e realizar um “trabalho de higienização mental dos povos”. Os verdadeiros inimigos das degenerações nervosas seriam a ignorância, o alcoolismo, a sífilis, as verminoses, as condições sanitárias e educacionais.

Seus conflitos teóricos com o colega na Escola de Medicina da Bahia, médico legista, Nina Rodrigues foram marcantes. Nina contribuiu profundamente para o entendimento da miscigenação da sociedade brasileira. Mas manteve-se amarrado as idéias evolucionistas dominante. Era ele o propagador das idéias dominantes nos meios científicos nacionais e internacionais. A mistura de raças era prejudicial a formação de um país. Considerava a negritude um traço de inferioridade e que a mestiçagem seria a principal causa da loucura.

Desde a conclusão de seu curso Juliano Moreira busca provar que a questão racial não determinava as doenças. Sempre mostrando e defendendo seus pensamentos de forma cortês e educada utilizava a ciência para defender as minorias excluídas. A sua origem mestiça jamais lhe deu a sensação de inferioridade, nem de reações paranóicas. Assegurado financeiramente mantinha uma vida rotineira, sem nenhuma alteração nos seus hábitos sociais, mas desregrada e intensiva nos estudos e no trabalho, sempre se descuidando de sua saúde. Mantinha freqüência diária nas dependências do Asylo São João de Deus onde realizava aulas práticas e até o anoitecer em uma das salas do Solar da Boa Vista ou nas várias enfermarias existentes discutindo sobre questões médicas com colegas e alunos e sempre colaborando com as

revistas nacionais e estrangeiras especializadas.

Viaja pelas províncias do norte proferindo palestras e clinicando. Em 1900 participa do Congresso Médico Internacional em Paris. Ano seguinte, mesmo ausente, é eleito Presidente de Honra do IV Congresso Internacional de Assistência aos Alienados em Berlim. Representa a medicina brasileira no Congresso Médico de Lisboa.

Ao final de 1902, precisamente, em 10 de novembro, licencia-se na Faculdade e viaja para ao Rio de Janeiro para participar do ato de embalsamento do cadáver do Professor Manuel Vitorino, médico baiano renomado e Vice Presidente da República (1894-1898) de quem sempre se declarou um admirador e discípulo.

Como disse Alexandre Ramos. Dali em diante aquele “ao Rio” se transformou em “para o Rio”. Não mais voltaria a terra baiana.

Dias depois Rodrigues Alves toma posse como Presidente da República e nomeia o baiano José Joaquim Seabra como Ministro do Interior e Justiça. Homem de visão, Rodrigues Alves faz um governo de grandes reformas. Na sua gestão o Barão do Rio Branco faz sua estréia como Ministro das Relações Exteriores. Através do Prefeito Pereira Passos transforma a antiga Capital Federal. O sanitarista Oswaldo Cruz promove uma revolução no país com a obrigatoriedade da vacinação.

Amigos desde os tempos de estudantes Afrânio Peixoto viajou junto com Juliano, vindo ao Rio pensando em fazer concurso para Professor substituto da seção de Higiene e Medicina Legal na Faculdade local. O tempo que ali passava sempre que possível gozava da intimidade de J.J. Seabra. A roda do destino faz Antonio Dias de Barros, médico conceituado deixar de ser diretor do Hospital



Evento comemorativo realizado no salão de reuniões públicas no Hospital Nacional de Alienados. Rio de Janeiro, 1929.

Nacional de Alienados, pois sua nomeação como Professor de Histologia da Faculdade do Rio não o permitia acumular cargos no governo. Afrânio Peixoto articula e se faz presente.

Em 25 de março de 1903 Juliano Moreira, pouco depois de comemorar seus trinta anos de idade, toma posse no cargo de Diretor do Hospital Nacional de Alienados na capital federal.

Muda a história da Saúde Mental no Brasil.

O decênio inicial daquele século sinaliza um acelerado processo de modernização do Estado nacional. Ações de saneamento e urbanização e, intervenções na saúde pública foram marcantes. O projeto de desenvolvimento da psiquiatria nacional insere-se neste momento criando o clima para que Juliano Moreira ocupasse seu espaço de liderança.

Desiste da sala destinada à direção do hospital no segundo andar do majestoso prédio. Faz de uma simples sala, no térreo, seu gabinete que ficava à esquerda da entrada principal do prédio, sempre de portas abertas, o que lhe conferia o seu acesso. Sentado a grande mesa, atendia a todos que o procuravam. Sem agenda ou hora marcada. Com paciência e seu tranqüilo sorriso sentavam-se ao seu lado os colegas médicos, pacientes, amigos, alunos,

jornalistas e políticos.

Como característica física tinha a cabeça grande, bem modelada, a fronte ampla, onde dois sulcos verticais traziam a habitual e profunda concentração de seu espírito, projetando nas órbitas salientes, que não impediam o aflorar dos grandes olhos brilhantes e quase sempre fixos. A boca bem rasgada, emoldurada por bigodes a Kaiser, nos primeiros tempos, e depois encurtados, se tornava expressiva pelo freqüente sorriso que a animava. Ao erguer-se para saudar, mostrava seu porte airoso. A altura, a gesticulação sóbria e a indumentária correta compunham um conjunto que impunha simpatia ao interlocutor. Sua palavra era simples. Tinha modulações afetuosas, num registro grave. Ouvia mais do que falava e nisso revelava a aptidão inata do verdadeiro Psiquiatra. (Lopes, 1964).

Até então a psiquiatria brasileira se mantivera subsidiária exclusiva da escola francesa, apenas copiando, sem considerar as diversidades culturais existentes. Com Juliano Moreira, a Psiquiatria se ampliou, universalizando-se, e procurando ganhar uma forma nacional.

Determinado e com tenacidade vai buscando recursos do governo. Mobiliza muitos profissionais capacitados. Começa a promover reformas materiais e éticas. Retira as grades das janelas das enfermarias e abole os coletes e camisas de força. Recupera e constrói pavilhões. Cria o Pavilhão Seabra um amplo prédio com equipamentos trazidos da Europa para fazer funcionar oficinas de ferreiro, bombeiro, mecânica elétrica, carpintaria, marcenaria, tipografia e encardenação, sapataria, colchoaria, vassouraria e pintura. Atividades que contribuíam para recuperação dos assistidos



e alguma renda particular.

O grande salão no pavimento superior passa a ter diariamente alguém dedilhando o piano levando as sonatas e sinfonias invadirem os corredores e chegarem aos ouvidos dos pacientes. Torna o hospital um grande centro cultural reunindo professores, cientistas e trabalhadores. Implanta oficinas artísticas antecipando-se as terapias ocupacionais desenvolvidas depois pela magnífica psiquiatra alagoana Nise da Silveira. À vontade e a determinação com seu trabalho o faz mudar-se do bairro de São Cristóvão para ir morar numa casa dentro do hospital.

Após desencadear as ações de transformação interna toma a iniciativa de enviar ao Ministro J.J. Seabra uma exposição de motivos solicitando as necessárias reformas não somente dentro da Instituição, mas que se estendia a assistência aos alienados no país. Em 22 de dezembro de 1903 com o Decreto nº. 1132 o Presidente Rodrigues Alves sanciona a resolução do Congresso Nacional e aprova a Lei Federal da Assistência a Alienados. Logo depois em 1º de fevereiro de 1904 é decretado o Regulamento da Assistência a Alienados no Distrito Federal.

A vida agitada e o permanente interesse pelo trabalho o faz continuar mantendo-se totalmente descuidado com sua vida pessoal agravando o estado de doença obrigando-o a licenciar-se e ser obrigado a buscar novos climas, viajando para Europa.

Retornando ao final de 1904 é agradavelmente surpreendido pelos trabalhos realizados por Sá Ferreira e depois Afrânio Peixoto, seus substitutos na direção do hospital mantendo os serviços de remodelação e encontrando um de seus sonhos realizado. A

biblioteca com os primeiros quatrocentos volumes encadernados, freqüentada também pelos pacientes e a implantação da Escola de Enfermagem.

Junto com Afrânio Peixoto e outros colegas funda os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins (1905). Instala a seção de laboratório, dando início as primeiras punções lombares e os primeiros exames citológicos de líquido cefalo-raquiano (1906). Retorna a Lisboa durante duas semanas e representa o Brasil no Congresso de Medicina de Portugal criando uma amizade com o Professor Júlio Xavier de Matos fundador do ensino oficial de Psiquiatria em Portugal. Mas a amizade duradoura construída em suas passagens pelas terras lusitanas foi com Julio Dantas. Médico que defendeu sua tese com o título “Pintores e Poetas Rilhafoles”, inspirado nas manifestações artísticas dos pacientes em hospitais psiquiátricos portugueses.

Em 1907 na cidade de Milão no Congresso de Assistência a Alienados é eleito Presidente Honorário e indicado pela maioria dos congressistas para ser o orador na sessão de encerramento. Passa a fazer parte do Instituto Internacional para o Estudo da Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais.

Segue logo depois para Amsterdã onde participa de outro Congresso Internacional. Mesmo ausente ao Congresso Neuropsiquiátrico de Viena (1908) é lembrado para compor o Comitê organizador do futuro Congresso. Representa no ano seguinte o Brasil no Comitê Internacional contra a Epilepsia naquela cidade. Logo depois na Inglaterra participa da Assembléia Geral da Royal-Medical Psychological Association de Londres,

presidida por Bevar Lewis onde foi eleito um dos quinze membros correspondentes no mundo. Segue logo depois para Budapeste e como membro organizador, realiza o Congresso Internacional de Medicina para tratar da influência da arteriosclerose na produção de doenças nervosas e mentais. Em Amsterdã torna-se membro do Comitê Internacional de redação da Folia Neurológica, órgão para estudos de biologia do sistema nervoso com textos publicados na Alemanha.

A Revista *Psychiatrische, Neurologische Wochenschrift* (nº. 27 de 03 de outubro de 1910) publica a galeria dos proeminentes psiquiatras em todo o mundo. Das Américas. Somente Juliano Moreira.

O seu relacionamento particular com Rivadávia Correia, nomeado



Prof. Juliano Moreira  
participando de evento  
técnico. Sem fonte  
indicativa.

Ministro do Interior e Justiça pelo Mal. Hermes da Fonseca favorece a realização do projeto de criação da Colônia de Mulheres em Engenho de Dentro, bairro suburbano no Rio de Janeiro.

Mobiliza junto com Antônio Austregésilo, Gustavo Riedel, Mário Pinheiro, Ernani Lopes e outros médicos a criação dos Arquivos Brasileiros de Medicina que anos depois passou a se denominar de Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria, órgão da sociedade

Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

Até 1911 é um período onde realiza uma série de viagens à Europa dando-lhe a oportunidade de freqüentar diversos cursos de especialização em doenças mentais junto a renomados cientistas – Emil Kraepelin, Mangnan, Kraffit-Ebing, Flechsing entre outros. Mas ao lado destas viagens de estudos já é obrigado a procurar com freqüência especialistas e clínicas para consultas sobre sua doença. Acentuando-se as crises obtém uma nova licença e viaja para a Europa em busca de melhor tratamento e posteriormente interna-se num sanatório na cidade do Cairo onde conhece Augusta Peick, enfermeira alemã, de Hamburgo, com quem se casa.

Desde 1913 passa a representar o Brasil no Comitê Internacional da Liga Internacional contra a Epilepsia. Naquele período foi realizado o Congresso Jubilar da Societé de Médecine Mentale da Bélgica, em que foi aclamado juntamente com Dupré, Lepine (franceses) e Mott (inglês) membros honorários daquela Sociedade.

Em 1918 foi designado como membro organizador do Congresso Internacional de Medicina, realizado em Budapeste para tratar da questão das doenças mentais e nervosas produzidas pela arteriosclerose. Participou da conferência Internacional para o estudo da Lepra na Noruega, recebendo do sábio leprólogo Hansen a incumbência de tratar da questão das doenças mentais nos leprosos, sendo posteriormente publicado seus estudos no Zeitschrift fur Psychiatrie na Alemanha. Mobiliza apoio governamental e implanta, em 1921, o primeiro Manicômio Judiciário no continente americano. Já em 1922 foi eleito membro correspondente da Liga de Higiene Mental de Paris e do Comitê Internacional de Redação

da folia neurológica, importante órgão de Amsterdã para estudos de biologia do sistema nervoso.

O Prof. Juliano Moreira presidiu os Congressos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal de 1906 a 1922. Foi Presidente de Honra da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Medicina. Junto ao Ministério da Justiça foi membro do Conselho Penitenciário do Distrito Federal; do Conselho Nacional de Menores e do Conselho dos Patrimônios. Membro na direção do Conselho do Monte Médico que era uma associação



Albert Einstein é recepcionado por Juliano Moreira e equipe no Hospital Nacional de Alienados. Rio de Janeiro, 1925

(Fonte: Revista Pesquisa Fapesp, n.124, junho 2006, p.10-SP)

previdenciária que reunia médicos, farmacêuticos e dentistas na capital federal.

Reconhecido pelo seu caráter, aliado ao fruto de seu incansável trabalho e espírito associativista foi eleito membro de diversas organizações, tais como: Antropologische Gesellschaft de Munich; Société de Médecine de Paris; Société de Pathologie Exotique; Société Clinique de France; Medico-Legal Society de Nova York; Sociedade

Evento comemorativo dos 25 anos de Juliano Moreira dirigindo o Hospital Nacional de Alienados. Rio de Janeiro, 1928.



de Neurologia de Buenos Aires; Sociedade de Psiquiatria de Buenos Aires; Société Clinique de Medicine Mentale; Société Medico-Psychologique de Paris; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Academia de Letras da Bahia; Instituto Brasileiro de Ciências; Liga de Defesa Nacional; Liga de Higiene Mental; American Academic of Political and Social Science.

Pela sua condi  o étnica, por sua nacionalidade, por sua forma  o médica, iniciada na Bahia e continuada nos grandes centros europeus, teve sempre grande interesse pelos aspectos culturais da psiquiatria, chamada na época de patologia comparada e atualmente de transcultural. Interessado e assíduo nos espetáculos das companhias líricas apreciavam os filmes de desenhos e era



Reunião comemorativa de aniversário da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Rio de Janeiro, 1929.

freqüentador dos espetáculos teatrais e circense sendo conhecido como grande admirador do famoso palhaço Benjamin Oliveira.

Combatia o uso dos termos pejorativos de “maluco” e “doido”. Repetia sempre que as maiorias dos doentes mentais estavam fora dos hospitais e sanatórios especializados.

“ – Ai fora”.(Passos, 1975).

Mantendo sua postura de combate aos preconceitos e discriminação torna-se um defensor combativo da imigração sino-japonesa que para muitos naqueles primeiros decênios do século consideravam um verdadeiro “perigo amarelo”. Sua posição rapidamente é reconhecida. Universidades japonesas o convidam para visitar o país e a pronunciar conferências. Em julho de 1928 em companhia de sua esposa Augusta Moreira começa uma longa viagem visitando Tóquio, Kioto, Sendai, Hokaído, Osaka, Funoko. Em solenidade no anfiteatro do Diário Nishi-Nishi recebe a insígnia da “Ordem do Tesouro Sagrado” entregue pelo Imperador do Japão e destinada aos “consagrados da ciência mundial”.

Encerrando sua longa permanência naquele país segue para a Europa, onde se torna membro honorário da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Berlim, da Sociedade Médica de Munich e da Cruz Vermelha Alemã. Em Hamburgo é eleito membro da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria onde lhe é conferido pela Universidade local a Medalha de Ouro, a mais alta honraria prestada a professor estrangeiro.

Após cinco meses ausente volta ao trabalho na direção do hospital que em sua ausência foi dirigido por Domingos Niobey. Preside, em 1929, no Rio de Janeiro, a Conferência Internacional de Psiquiatria. Demonstrando disposição e desejoso de realizar

novas reformas sente-se motivado com as possibilidades que se abriria com a chegada do novo governo.

Sem dúvida o novo governo chega como resultado de um golpe de Estado que criava a expectativa de modernização do país e da administração pública. Após uma posse festiva a três de novembro de 1930 o novo presidente – Getúlio Vargas – dissolve o Congresso Nacional, as câmaras e as assembleias estaduais. Nomeia interventores nos estados, mantém seus compromissos com a as oligarquias dissidentes. Em oito de dezembro de 1930 é destituído da direção do hospital e aposentado.

Aquele prédio próximo à grandiosa beleza natural do Rio de Janeiro – o Pão de Açúcar – foi durante 28 anos o palco em que o Mestre Juliano Moreira representou o papel central da psiquiatria



Juliano Moreira é condecorado pela Universidade de Hamburgo. Alemanha, 1928.

brasileira. Sem ele, aquele monumento arquitetônico encerrou seu ciclo psiquiátrico, renascendo tempos depois como um “Palácio Universitário” impulsionado por um novo baiano – Pedro Calmon.

Após descer as escadas do palácio de seus sonhos – o Hospital

Fotos: (cópias reprográficas cedidas pela Psiquiatra Maria de Fátima Vasconcelos. UFRJ. 2001)



Nacional de Alienados – foi morar num hotel em Santa Teresa. Mantinha suas visitas a alguns de seus pacientes particulares no Sanatório Botafogo ou as sessões da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina. A sessão de 19 de outubro de 1931 foi à última sessão a que compareceu. Retornou em 17 de novembro de 1932 para assistir a sessão solene de comemoração da Sociedade que fundara ainda jovem.

Recolhendo-se a sua vida interior sem motivação para estudar e ler. Enfim, o tuberculoso crônico poupava-se ao máximo para sobreviver, sob a vigilância germânica de Dona Augusta sua inseparável companheira. Viaja para Belo Horizonte em busca de melhoramentos para o seu estado de saúde.

A doença foi avançando, Miguel Couto, seu médico, decide encaminhá-lo para a Serra de Petrópolis. Hospeda-se na residência de Hermelindo Lopes Rodrigues um dos seus maiores discípulos.

No dia 2 de maio de 1933 precisamente às cinco horas e quarenta minutos deixava o nosso convívio num sanatório em Correias no interior do Rio de Janeiro.

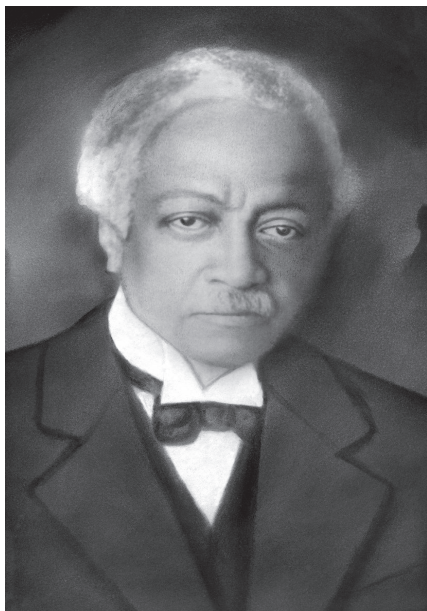
Ao lado de Dona Augusta Moreira assistiu ao seu último alento os seus colegas e discípulos Lopes Rodrigues e Gustavo Riedel. Após ser embalsamado foi ser velado na capela do Hospital na Praia Vermelha. No dia quatro às dez horas em grande cortejo atravessa as ruas de Botafogo em direção ao cemitério São João Batista.

Naquela manhã cinzenta de maio, quem passasse próximo ao cemitério não saberia que se extinguira um grande espírito. Um homem que dedicara toda sua vida ao seu país, aos seus semelhantes e aos excluídos, especialmente aos doentes mentais. Deixava muito mais do

que uma lembrança. Construía uma obra imorredoura.

“O Brasil (...) não pode avaliar o que perde com o desaparecimento, ontem do sábio Juliano Moreira. Grande entre os maiores psiquiatras do país, com um renome e uma fama, que ultrapassaram as fronteiras brasileiras para fulgurar nos centros científicos mais adiantados do mundo. Juliano Moreira devotou à ciência toda a sua vida e toda a sua dedicação (...) mais tarde, teremos então idéia de quanto perdemos com a sua morte”. (Jornal do Brasil. 3 de maio de 1933).

Juliano Moreira não foi nacionalista, nem teve freguesia intelectual. Ouviu os sons de todos os sinos. Aqui, Silva Lima tropicalista. Ali, Nina Rodrigues, médico legista. Estendeu as mãos a Teixeira Brandão e a Franco da Rocha. Propagou Kraepelin, sem esquecer Pierre Marie, nem Toulouse, Clouston e Morselli. Leu a todos, aprendeu de todos. A todos consagrou, com a citação, a aplicação e a correção.



O Mestre baiano Juliano Moreira.

O magnífico sonhador da cura  
da alienação mental.

Um mito nacional.

Um Sábio Brasileiro.

Essa universalidade de espírito dispôs à razão para a tolerância do conhecimento, como a benignidade do coração pára a tolerância das relações sociais. Disciplinava pelo exemplo. Distinguiu-se sem afetação e sem humilhar o seu semelhante. Não considerava a vaidade defeito, mas a manifestação de um desvio mental, em proveito de aspirações frustradas (Passos, 1975).

Grande homem de ação e de ciência dispensa louvor dos adjetivos. Basta-lhe a escola que criou e manteve os discípulos que suscitou e promoveu. Médico da razão doente foi mestre da razão sadia, grande mestre da razão, o grande Juliano Moreira. (Piccinini, 2005).

Um Brasileiro que teve tudo para ser mais um anônimo excluído. Nordeste, pobre, tuberculoso. Todas as condições desfavoráveis no percurso de sua vida. Mas com determinação, tenacidade, inteligência, carisma e fundamentalmente ético, transformou sua história.

## Referências Biográficas

---

VENANCIO, Ana Terra A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.36, p.59-73, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, 2004.

PORTOCARRERO, Vera M. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

Galeria de Notáveis. *Ofício de Doutor. Correio da Bahia*. Salvador: Suplemento Correio Repórter, 29 julho, p.6, 2001.

VASCONCELLOS, Maria de Fátima. Mestre Juliano: o Fundador da Psiquiatria no Brasil, 1998. 90 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 1998.

CARVALHAL O., Lazara. Loucura e sociedade: o pensamento de Juliano Moreira (1903-1930). 1997. Monografia (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1997.

MOREIRA, Juliano. In: Nova Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1997. v.10.

LOPES, Nei. Rebouças, Teodoro e Juliano: o gênio afro-baiano na ciência e na Tecnologia. Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (s.l.), n.25, p.178-183, 1997.

MOREIRA, Juliano. In: Enciclopédia Delta Universal. Rio de Janeiro: Delta, c1982. v.10.

PORTOCARRERO, Vera Maria. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da Psiquiatria. 1980, 162p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Depto. de Filosofia, Rio de Janeiro, 1980.

PINHO, A. Rubim. Juliano Moreira. Sinopse Psiquiátrica, v.2, n.2, p. 223-228, out. 1978.

PASSOS, Alexandre. Juliano Moreira, vida e obra. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. 56 p.

SILVA MELLO. Depoimento. Rio de Janeiro, 1973. Datilografado. Conferência comemorativa dos 100 anos de nascimento de Juliano Moreira. In: VASCONCELLOS, Maria de Fátima. Mestre Juliano: O fundador da Psiquiatria no Brasil. 90 p., il., Anexos, Tese (Mestrado)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPUB, 1998

PACHECO, A. C. Silva. Juliano Moreira: o homem e a obra. Rio de Janeiro, 1973. Mimeografado. In: VASCONCELLOS, Maria de Fátima. Mestre Juliano: o fundador da Psiquiatria no Brasil. 1998. 90 p., il., Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 1998.

NEVES-MANTA, I. Juliano Moreira. Rio de Janeiro: Aperj, 1973. Levantamento inédito feito para comemoração do centenário de nascimento de Juliano Moreira.

COLARES, J. Retrato de Juliano Moreira. Conferência pronunciada na Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro (Comemoração dos 100 anos de nascimento de Juliano Moreira). In: VASCONCELLOS, Maria de Fátima. Mestre Juliano: O fundador da Psiquiatria no Brasil. 90 p.,il., Anexos, Tese (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPUB, 1998.

MOREIRA, Juliano. In: Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, c1970. 4630p. v.8.

LOPES, José Leme. Juliano Moreira. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.3-19, jan./mar., 1964.

LOPES RODRIGUES. Juliano Moreira. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, (s.l.), v.7, p.5-14, nº. único, 1963.

LACAZ, C.S. *Vultos da medicina brasileira*. São Paulo: Helicon. v.2, p.33, 1963.

IN MEMORIAN. De três psiquiatras compatriotas: Juliano Moreira, Gustavo Riedel e Carlos Penafiel. *Brasil Temperante*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, setembro, p.9, 1960.

BOLETIM DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Rio de Janeiro: s.n., jun./jul., p.384, 1959-1969.

PROFESSOR Juliano Moreira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 maio, 1938.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 maio. 1938.

NECROLOGIA: Juliano Moreira. *Patologia Geral*, (s.l.), p.153-156, 1938.

LIVRO de Juliano Moreira sobre o Japão. *O Malho*, São Paulo, 22 ago. 1935.

LISBOA, Achilles. Juliano Moreira e a mais expressiva das homenagens nacionais à sua memória. *Gazeta de Notícias*, São Luiz do Maranhão, 8 ago. 1935.

AUSTREGÉSILO, A. Juliano Moreira. *Revista Terapêutica*, (s.l.), n.7-8, jul. 1935.

VELOSO, Antonio Leão. *Impressões do Japão de Juliano Moreira*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p.4, 24 jun. 1935.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA. Juliano Moreira. Rio de Janeiro, abr. 1935.

À MEMÓRIA de Juliano Moreira: A romaria ontem ao seu túmulo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1935.

COMO o Professor Spielmeier se refere ao valor do Dr. Juliano Moreira. *Revista de A.O.F.*, (s.l.), p.5, 1935.

JULIANO Moreira: uma sessão magna em homenagem à memória do grande psiquiatra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 maio, 1934.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Arquivos do Manicômio Judiciário*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1-2, p.1-20, Semestre, 1933.

JULIANO Moreira e a imprensa médica alemã. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, setembro, 1933.

HOMENAGEM à Ciência Brasileira: O pesar do Diretor do Hospital Martin Luther, de Berlim, pela morte do Professor Juliano Moreira. *Diário de Notícias* (s.l.), 4 ago. 1933.

À MEMÓRIA de Juliano Moreira, fundador e presidente da Academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.81-97, 30 jun. 1933.

WEYGANDT, W. Juliano Moreira. *Semanário de Psiquiatria e Neurologia*, (s.l.), n.25, 2 p. 24 junho 1933. Tradução de: WEYGANDT, W. Juliano Moreira. *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift*, Halle, v. 35, n.25, 1933.

JULIANO Moreira. *Semanário de psiquiatria e Neurologia*. (s.l.), n.25, 24 junho 1933.

ACADEMIA Nacional de Medicina: Ehrung für Dr. Juliano Moreira. (s.n.). Rio de Janeiro, 6 jun. 1933.

ACADEMIA Nacional de Medicina: As homenagens de ontem a Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1933.

RIBEIRO, Thiers. Professor Juliano Moreira. *Medicina Germânica*, (s.l.), 1 jun. 1933.

NECROLOGIA. *A Época*. Santa Catarina, 28 maio, 1933.

PERNAMBUCO, Ulysses. Morte do Mestre. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 maio, 1933.

ACADEMIA Brasileira de Ciências: Homenagem ao Professor Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 5, 23 maio. 1933.

SOCIEDADE Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Homenagem à memória do Professor Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p.15-16, maio, 1933.

NOTAS e Notícias: Dr. Juliano Moreira. *Folha Médica*, (s.l.), 15 maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira: Agradecimentos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 maio, 1933.

JULIANO Moreira. *O globo*. Rio de Janeiro, Nota, 13 maio, 1933.

GRANDE Cientista. *Revista Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 13 maio, 1933.

PROFESSOR Dr. Juliano Moreira: As exéquias celebradas, ontem, na capela do Hospital de Alienados. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 maio, 1933.

CAMPOS, Humberto de. São Juliano. Lavoura e comercio, (s.l.), 10 maio 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 7 maio 1933.

Juliano Moreira. Revista da Semana, Rio de Janeiro, (s.l.), 6 maio, 1933.

SÁBIO e Santo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 maio, 1933.

ROXO, Henrique. Professor Juliano Moreira. Imprensa Médica, (s.l.), v.9, n.142, 5 maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira: Realizaram-se ontem, com grande acompanhamento, os funerais do ilustre cientista. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 5 maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira. São Paulo. Nota. São Paulo, 5 maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira. A Nação, Rio de Janeiro, 5 maio, 1933.

HOMENAGEM da Liga da Defesa Nacional a Juliano Moreira. O Globo, Rio de Janeiro, 5 maio, 1933.

DR. JULIANO Moreira: o seu enterramento ontem. A Pátria, Rio de Janeiro, 5 maio

DOCTOR Juliano Moreira: o seu enterramento. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 maio, 1933.

ÚLTIMO adeus da cidade a Juliano Moreira: Revestiram-se de comovedora imponência os funerais do grande mestre de Psiquiatria. O Globo, Rio de Janeiro, 4 maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira, foi hoje sepultado o ilustre psiquiatra patricio. A Noite, Rio de Janeiro, 4 maio, 1933.

DR. Juliano Moreira. O Estado de São Paulo. Nota, São Paulo, 4 maio, 1933.

DESAPARECIMENTO de um sábio ilustre: Deverá realizar-se, hoje, às 10 horas, o enterro do Professor Juliano Moreira. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 4 maio, 1933.

VELLOSO, Antonio Leão. Juliano Moreira. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

SOCIEDADE de Medicina e Cirurgia: O pesar pelo trespasse do Prof. Juliano Moreira. A Nação, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

SÁBIO que perdemos: Emocionantes, as derradeiras homenagens... Diário da Noite, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira Gestorben. Deutsche Rio, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.



PROF. Juliano Moreira – O falecimento do grande cientista brasileiro, dados biográficos. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

MORTE de um sábio: Faleceu ontem, o Professor Juliano Moreira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

MEDICINA brasileira de luto: A morte de um sábio. *A Pátria*, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

FALECIMENTO do Professor Juliano Moreira. *Batalha*, (s.l.), 3 maio, 1933.

DR. JULIANO Moreira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 maio 1933.

DESAPARECIMENTO de Juliano Moreira: O corpo do ilustre cientista foi transportado para a capela do Hospital dos Alienados... *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 3 maio 1933.

DESAPARECE uma das figuras mais notáveis da medicina brasileira. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

BRASIL perde o seu maior psiquiatra: Faleceu ontem, em Correias, o Professor Juliano Moreira. *A Nação*, Rio de Janeiro, 3 maio, 1933.

SÁBIO que perdemos: Faleceu, esta manhã, no sanatório de Correias, o Professor Juliano Moreira. *A Noite*, Rio de Janeiro, 2 maio, 1933.

MAGALHÃES, Juracy M., CORREA DE MENEZES, M.M. sábio brasileiro. Juliano Moreira fechou os olhos para o mundo. *Diário da Bahia*, Bahia, 2 maio, 1933.

JULIANO Moreira (1873 – 2 maio 1933). *Belge de neurologie et de psychiatrie*, (s.l.), p. 537-538, 2 maio, 1933.

FALECIMENTO do Professor Juliano Moreira. *A Noite*, Rio de Janeiro, 2 maio, 1933.

DR. JULIANO Moreira: Faleceu em Correias, o grande psiquiatra brasileiro. *A Vanguarda*, Rio de Janeiro, 2 maio, 1933.

DESAPARECE o médico dos loucos – A vida do Professor Juliano Moreira e a evolução da nossa Psiquiatria. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 maio, 1933.

BRASIL perde um dos seus mais ilustres cientistas: Faleceu o Professor Juliano Moreira. *A Noite*, Rio de Janeiro, 2 maio, 1933.

BAHIA perdeu um grande filho: Com o Dr. Juliano Moreira desaparece um vulto notável da ciência Médica brasileira. *Diário da Bahia*, Bahia, 2 maio, 1933.

REIS NETTO. Muerte de gran sábio: Juliano Moreira. *La Mañana*, Montevideo, v.16, n. 5648, maio, 1933.

REGISTRO. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, maio, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Pro Arte*, Rio de Janeiro, maio, 1933.

JULIANO Moreira. *Revista Médico-Cirúrgica do Brasil*, (s.l.), n.5, p. 131-132, maio, 1933.

PARANHOS, Ulysses. Juliano Moreira 1873-1933. *Resenha Clínico-Científica, Página de Saudade*. São Paulo, p. 165, abr -mai., 1933.

ARQUIVOS de Assistência à Psicopatas associam-se ao sentimento que empolga os psiquiatras brasileiros. *Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco*, Pernambuco, n.1, abril, 1933.

WEYGANDT, W. Juliano Moreira. *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift*, Halle, v.35, n.25, 1933.

GLÓRIA da Medicina brasileira: Curiosas reminiscências da vida de um sábio. *Revista Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 1933.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Arquivos do Manicômio Judiciário*, Rio de Janeiro, v.2, n. ½, p.3-4, 1931.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA. Neuro-psiquiatria. Jubileu do Professor Juliano Moreira. Tipografia. *Jornal do Commercio*, Número Especial. 180 p. Rio de Janeiro, 1931.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, Rio de Janeiro, dez., 1930.

VIANNA, Ulysses. Professor Dr. Juliano Moreira. *Separata de: Zeitschrift fur die gesamte Neurologie und Psychiatrie*. Berlim, v.149, n.1/3, p.429-432, (1930).

EHRENABENB FUR Professor Moreira. *Freundenblat*, (s.l.), 29 dez., 1929.

CIENTISTA brasileiro no Japão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, nov., 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 jun., 1929.

LEÃO, Mucio. Exemplo anti-republicano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 junho, 1929.

EXPRESSIVA homenagem ao Professor Juliano Moreira: Um banquete que se transforma em prêmio científico. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 junho, 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 junho, 1929.

CHEGADA dos Srs. Juliano Moreira, Araújo Jorge... *A Manhã*, Rio de Janeiro, 6 junho, 1929.

VIAGEM, em redor do mundo, de um cientista brasileiro: De regresso de sua longa excursão, o Professor Juliano Moreira fala-nos do Japão e da Alemanha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 junho, 1929.

REGRESSOU ontem de sua viagem ao Japão o Prof. Juliano Moreira. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 5 junho, 1929.

CHEGARAM ontem o Professor Juliano Moreira, o deputado e o dr. Guilherme Guinle: Outros passageiros de destaque que vieram a bordo do "Cap Arcona". *O Jornal*, (s.l.), 5 junho, 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira no Japão. *Revista da Semana*, (s.l.), 1 junho, 1929.

FOI CONFERIDA uma medalha de ouro ao Professor Juliano Moreira: Pela Congregação da Universidade de Hamburgo. *Gazeta de Notícias* Rio de Janeiro, 28 maio, 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira em Hamburgo. *O Jornal*, (s.l.) 19 maio, 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira na Alemanha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 abril, 1929.

REVISTA Fon-Fon. o Japão. Nota, Rio de Janeiro, p.29, 13 abril, 1929.

CHEGOU a Hamburgo Professor Juliano Moreira: onde vai fazer uma série de conferências. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 abril, 1929.

NOSSA Ciência honrada na Alemanha e no Oriente: como o Professor Juliano Moreira, um dos príncipes da psiquiatria nacional, nos representa no estrangeiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 abril, 1929.

BRASIL no Exterior: Homenagem ao Professor Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, 29 março, 1929.

UNIÃO Brasileira. Zu Ehren des zurzeit in Hamburg... *Fdenblatt*, (s.l.), 18 março, 1929.

BRÉSILIENS em Europe. *Gazette du Brésil*. Nota, Paris, 7 março, 1929.

EHRUNG eines Brasilianischen belehrte. Hbg. Correspondent, (s.l.), Nota. 2 março, 1929.

EHRUNG eines ausländisdgen belehrten. HBG Nachrichten. Nota, 26 fevereiro, 1929.

VIAGEM do Juliano Moreira: A recepção em Roma do ilustre psiquiatra. *O Jornal*, (s.l.), 1 fevereiro, 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira vai fazer uma série de conferências na Universidade de Hamburgo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 janeiro, 1929.

PROFESSOR Juliano Moreira, em Hamburgo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1929.

FAREWELL to Japan's friends. Osaka Maini & Tokyo Nichi. Osaka, 22 dezembro, 1928.

PROFESSOR Juliano Moreira viaja para a Itália: A convite da Universidade de Hamburgo, o eminente cientista dará conferências nessa cidade. O Globo, Nota. Rio de Janeiro, 21 dezembro, 1928.

VIAGEM do Dr. Juliano Moreira ao Japão: O Imperador Hiroito distinguiu-o com a Ordem do Sagrado Tesouro do Japão. O Jornal, (s.l.), 15 dezembro, 1928.

DR.MOREIRA will leave Osaka for Kobe oct. 31: Brazilian visitor entertained by Osaka hosts. Osaka Maini & Tokyo Nichi Nichi. Nota. Osaka, 31 outubro.

DISTINGUISHED brazilian visitors. Osaka Maini & Tokyo Nichi Nichi. Osaka, 28 outubro, 1928.

BILHETES do Japão. O País, Nota. Rio de Janeiro, 27 outubro, 1928.

BRAZILIAN scholar arrives in Japan: Famous scientist to study progress of medicine in Nippon. J times., (s.l.), 15 setembro, 1928.

PLATA Maru. Japan Times, Nota, (s.l.), 12 setembro, 1928.

FAMOUS alienist here from Brazil: Dr. Juliano Moreira wants to study Ainu Asce and Beri-Beri Disease. Advertiser, (s.l.), setembro, 1928.

CONVEM ao Brasil a imigração Japonesa ? A palpitante enquête do "Diário de Medicina". Localiza um dos mais altos problemas sociais da atualidade nacional Como pensa, a respeito, o prof. Juliano Moreira. Diário de Medicina, (s.l.), 24-25, 25 outubro, 1926.

HOMENAGEM ao Professor Juliano Moreira. Arquivos Brasileiros de Neuiriatria e Psiquiatria, Ro de Janeiro, v.5, p. 1-22, 1923.

PLANO geral desta grandiosa obra de assistência a loucos. Jornal do Commercio, São Paulo, 19 setembro, 1920.

CIENTISTAS que chegam: Fala-nos o Professor Juliano Moreira. A Noite, Rio de Janeiro, 20 outubro, 1916.

PENAFIEL, Carlos. Professor Juliano Moreira. Arquivos Brasileiros de

Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, v.9, p.120-136, 1913.

PSYCHIATRISCHE NEUROLOGISCHE WOCHENSCHRIFT. Hervorragende Psychiater. Berlin, n.27, 3 outubro, 1910.

CARTAS de Juliano Moreira a Emil Kraepelin: comentários sobre a correspondência entre os dois alienistas. (Rio de Janeiro): Diretoria do Hospício Nacional dos Alienados, p. 117-124, 1906.

## Bibliocronografia

MOREIRA, Juliano. Progresso das ciências no Brasil. Conferência pronunciada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1912. Revista Siniátrica, (s.l.), n.7-10, jul.-dez., 1942.

\_\_\_\_\_. PEIXOTO, A.. Paranoia, vaidade, presunção, complexo de inferioridade. Cia. Editora Nacional. São Paulo, 121 p., 1942.

\_\_\_\_\_. MOREIRA, A.P. Impressões de uma viagem ao Japão em 1928. Revista Neussstadt. 135 p., il. (Biblioteca Juliano Moreira, v.1), 1935.

\_\_\_\_\_. Duas grandes perdas. Ekonomo e Jakob. Arquivos Brasileiros de Neuiriatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro, n.6, 1931.

\_\_\_\_\_. Eignes über Geisterverandungen waehrend des Verlufes der Lues in rio de Janeiro. Zeitschrift fur die gesamte. Neurologie und Psychiatrie. Berlim, v.129, 1930.

- \_\_\_\_\_. Reformatório para alcoolistas. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. Rio de Janeiro. v.2, n.2, p. 61-63, novembro, 1929.
- \_\_\_\_\_. In: FIGUEIRA F. Algo sobre doenças nervosas e mentais no Brasil. Revista Médica Ibero-Americana. Hamburgo, n.8, 1929.
- \_\_\_\_\_. Doenças familiares do sistema nervoso. In: FIGUEIRA F. Pediatría. (S.l.), (s.n.), 1929.
- \_\_\_\_\_. Impaludismo na gênese dos distúrbios nervosos e mentais. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, março, 1927.
- \_\_\_\_\_. Vida e obra de Emil Kraepelin – Expoentes da evolução das idéias na Moderna Psiquiatria. A Patologia Geral. (s.l.), janeiro, 1927.
- \_\_\_\_\_. Aniversário de fundação do Hospital Nacional de Psicopatas. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro, v.9, n.2/3, p.129-131, 1927.
- \_\_\_\_\_. Assistência a psicopatas no Rio de Janeiro. Buenos Aires: (s.n.). Livro de Ouro oferecido ao Prof. Cabred, 1927.
- \_\_\_\_\_. Psicologia do Testemunho. Revista de Medicina e Higiene Militar. Rio de Janeiro. (s.l.), janeiro, 1926.
- \_\_\_\_\_. Perturbações no decurso da sífilis. In: CONFERÊNCIA. CONGRESSO BRASILEIRO DE NEURIATRIA E PSIQUIATRIA. 2., (s.l.). Anais... (s.l.), 1926.
- \_\_\_\_\_. Prof. Emilio Kraepelin. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro, v.8, n.3/4, p.131-138, 1926.
- \_\_\_\_\_. Nerven und Geisteskrankheiten in den Tropen. In MENSE C.. Handbuch der Tropenkrankheiten. (s.l.): (s.n.), v.4, 1926.
- \_\_\_\_\_. Marcgrave e Piso: separata do tomo XVI da Revista do Museu Paulista. São Paulo. Tipografia do Diário Oficial. v.4, 1926.
- \_\_\_\_\_. E. Kraepelin: sua vida e sua obra. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1926.
- \_\_\_\_\_. Seleção individual de imigrantes no programa de higiene mental. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. Rio de Janeiro. (s.l.), março, 1925.

\_\_\_\_\_. Charcot e sua obra. Academia Nacional de Medicina. Boletim. Rio de Janeiro, n.7, 1925.

\_\_\_\_\_. Psicologia do testemunho. Revista de Medicina e Higiene Militar. Rio de Janeiro, janeiro, 1925.

\_\_\_\_\_. Memórias do Hospício de Juquery. n.1, ano I, 1924. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro, v.6, n. ¾, p. 139-142, Resenha, 1924.

\_\_\_\_\_. F. Gorphe: La critique du témoignage. Paris, 1924. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro, v.6, n.3/4, p. 137-139, Resenha. 1924.

\_\_\_\_\_. Diretrizes de higiene mental entre nós. Revista de Medicina e Higiene Militar. Rio de Janeiro. (s.l.), fevereiro, 1922.

\_\_\_\_\_. Perturbações no decurso da sífilis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA, 2, 1922. (Anais...) (s.l.), (s.n.), 1922.

\_\_\_\_\_. Perturbações nervosas e mentais no Brasil. CONFERÊNCIA. Sociedade de Medicina e Cirurgia. Rio de Janeiro: (s.n.), 1922.

\_\_\_\_\_. Luta contra as degenerações nervosas e mentais. In: CONGRESSO DOS PRÁTICOS, 1922, Rio de Janeiro. (Trabalhos apresentados no...) Rio de Janeiro: (s.n.), 1922.

\_\_\_\_\_. Apreciação do "Manual de Psiquiatria", do Prof. Henrique Roxo. Arquivos Brasileiros de Medicina. (s.l.), p.286, 1921.

\_\_\_\_\_. Kraepelin, Nissi, Spiemeyer, Plaut, Spatz, etc. – Bibliografia. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), p.285, 1921.

\_\_\_\_\_. Novo agrupamento nosográfico das doenças mentais do Prof. E. Kraepelin. Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria. Rio de Janeiro, v.3, p.181-189, 1921.

\_\_\_\_\_. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), 1921.

\_\_\_\_\_. Discurso proferido na inauguração do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro a 30 de abril de 1921. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), p.92, 1921.



\_\_\_\_\_. Pandemia gripal no Hospital Nacional e sua influência no curso das doenças mentais. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), p.310, 1919.

\_\_\_\_\_. Classificações em Medicina Mental. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), p.93, 1919.

\_\_\_\_\_. Distúrbios psíquicos no curso de influenza durante a última pandemia. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, p.25, 1919.

\_\_\_\_\_. Silva Lima e a Gazeta Médica da Bahia. Sua influência nos progressos da Medicina no Brasil. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), v.206, 1918

\_\_\_\_\_. Discurso. Revista da Sociedade Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.2, p.11-17, (Sessão Plena de 18 de setembro de 1917), 1918.

\_\_\_\_\_. Discurso de saudação ao Prof. George Dumas. Seção de 17.11.1917. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1917.

\_\_\_\_\_. Oswaldo Cruz (1872-1917). Revista da Sociedade Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.1, p.107-111, 1917.

\_\_\_\_\_. Iniciadores do estudo da Medicina e da História Natural no Brasil... Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, p.33, 1917.

\_\_\_\_\_. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v.82, p.791-808, 1917.

\_\_\_\_\_. Alzheimer e Perusini. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, v.13, p.82-88 (Ata de sessão transcrita por Waldemar de Almeida), 1917.

\_\_\_\_\_. Contribuição ao estudo da demência paralítica no Rio de Janeiro, especialmente no Hospital Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA E MEDICINA LEGAL, 1 (Anais...) (s.l.), (s.n.), 1916.

\_\_\_\_\_. Primórdios e tendências da psiquiatria no Brasil. CONFERÊNCIA. Abertura do I CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA E MEDICINA LEGAL, (s.l.), (s.n.), 1916.

\_\_\_\_\_. Irrenwesen in Brasilien. In: BRESLER, Joh. Heil und Pflegeantalten für Psychiskranke in Wort und Bild. Halle: v.1, (s.n.), 1914.

\_\_\_\_\_. Estados mentais nos tuberculosos. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), fevereiro, 1913.

\_\_\_\_\_. Prof. Dr. Paul Nacke. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, p.277, 1913.

\_\_\_\_\_. Seção de Psiquiatria do Congresso Internacional de Medicina de Londres. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia, Rio de Janeiro, p.250, 1913.

\_\_\_\_\_. Notes sur quelques maladies nerveuses et mentales ao Brésil. in: CONGRESSE INTERNATIONAL DE NEUROLOGIE ET DE PSYCHIATRIE, 3., 1913, Gand. Communication au... Gand: (s.n.), 1913.

\_\_\_\_\_. New contribution to the study of dementis paralytica in Brasil. in: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA, 17., London. (Trabalhos apresentados no...), (s.n.), Londres, 1913.

\_\_\_\_\_. Progresso das Ciências no Brasil. (Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional), 1912. Conferencia pronunciada na Biblioteca Nacional, 1912.

\_\_\_\_\_. Falsos testemunhos por desvios mentais. Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Rio de Janeiro, v.8, n. ½, p.315-350, 1912.

\_\_\_\_\_. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, n.3-4, 1912.

\_\_\_\_\_. Formas benignas de leprose nervosa. Arquivos Brasileiros de Medicina, (s.l.), fevereiro, 1911.

\_\_\_\_\_. Apreciação do livro "Elementos de Medicina Legal" do Prof. Afrânio Peixoto. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1911.

\_\_\_\_\_. Progress of Psychiatry in Brazil. Jal of Mental Science. London, July, 1910.

\_\_\_\_\_. Geistesstörung bei Leprakranken. Zeitschrift fur Psychiatrie, (s.l.), v.6, p.293, 1910.

\_\_\_\_\_. Geisteskrankheiten bei Leprakranken. In: INTERNATIONAL WISSENSCHATFLICHE LEPROA CONFERENZ, 1910, Berger. (Anais...) Berger (s.n.), v.3, p.163, 1910.

\_\_\_\_\_. Traços biográficos do Dr. J.F. da Silva Lima. Formulário prático do Brasil Médico, (s.l.), 1910.

\_\_\_\_\_. Quais os melhores meios de assistência aos alienados ?. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, p.16, 1909.

\_\_\_\_\_. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, v.5, n.1-2, p.373-396, 1910.

\_\_\_\_\_. Esboço sobre a evolução da Medicina no Brasil. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, p.42, 1909.

\_\_\_\_\_. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro. Relatório apresentado ao CONGRESSO NACIONAL DE ASSISTENCIA PUBLICA E PRIVADA, p.22 1908.

\_\_\_\_\_. Ligeira vista sobre a evolução da assistência a alienados na Alemanha. A Clínica Psiquiátrica de Munich. Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Rio de Janeiro, v.4, n.1/2, p.172-186, 1908.

\_\_\_\_\_. Querelante e pseudo-querelantes. Arquivos Brasileiros Psiquiatria. Rio de Janeiro, v.8, n.3-4, 1907.

\_\_\_\_\_. Origines plus éloignées de la lepre ao Brésil. Lepra Revista Internacional, (s.l.), v.7, n.2, 1907.

\_\_\_\_\_. PENAFIEL, C.. Contribution to the study of Dementia Paralytica in Brazil. al of Mental Science. London, 1907.

\_\_\_\_\_. London: Adland, 1907.

\_\_\_\_\_. AMARAL, A. Maladies mentales ao Brésil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSIQUIATRIA, 1907, Amsterdam. (Trabalhos apresentados no...)Amsterdam: (s.n.), 1907.

\_\_\_\_\_. Prof. J. Tillemont Fontes. Arquivos Brasileiros Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1907.

\_\_\_\_\_. Prof. Eduardo Ritzig. Arquivos Brasileiros Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1907.

\_\_\_\_\_. Lei Federal de Assistência a Alienados e a critica do Prof. Nina Rodrigues. Arquivos Brasileiros Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1907.

\_\_\_\_\_. Formação do Instituto Internacional para o Estudo de Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais. Arquivos Brasileiros Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1907.

\_\_\_\_\_. Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia de Amsterdam. Arquivos Brasileiros Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, 1907.

\_\_\_\_\_. Caso de Paranóia. Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, v.3, n.3/4, p.377-387, 1907.

\_\_\_\_\_. Nina Ribeiro: necrológico biobibliográfico. Arquivos Brasileiros Psiquiatria e Neurologia. Rio de Janeiro, dezembro, 1906.

\_\_\_\_\_. AUSTREGÉSILO, A. Contribution à l'étude de l'ainhum. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA, 15, 1906, Lisboa. (trabalhos apresentados no...) Lisboa: (s.n.), 1906.

\_\_\_\_\_. Psicoses em leprosos. Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.41-57, 1906.

\_\_\_\_\_. AMARAL, A. Maladies mentales dans lês climats tropicaux. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA, 15, 1906, Lisboa. (Trabalho apresentado no...) Lisboa: (s.n.), 1906.

\_\_\_\_\_. Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.222-241, 1906.

\_\_\_\_\_. Ligeiras notas a propósito da assistência familiar. Arquivo Brasileiro Psiquiatria. Rio de Janeiro, 1908.

\_\_\_\_\_. Legitime paranóia son origine et nature. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA, 15, 1906, Lisboa. (Trabalhos apresentados no...) Lisboa: (s.n.), 1906.

\_\_\_\_\_. Assistance des alienés de au Brésil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ASSISTENCIA AOS ALIENADOS, 2, 1906, Milão. (trabalhos apresentados no...). Milão: (s.n.), 1906.

\_\_\_\_\_. Reformender Irrenfursorge in Rio de Janeiro – Gazet fur Irrenfursorger in Brasilien. Psychiatrische Neurologische Wochenschrift, (s.l.), n.33, 1905.

\_\_\_\_\_. AMARAL A.. Classificação de doenças mentais do Prof. Emil Kraepelin. Arquivos Brasileiros Psiquiatria, Neuropsiquiatria e Ciências Afins. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.204-216, 1905.

\_\_\_\_\_. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria. Rio de Janeiro, n.2-4, 1905.

\_\_\_\_\_. AMARAL A.. Paranóia e síndromas paranóides. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria. Rio de Janeiro, n.2, 1905.

\_\_\_\_\_. Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil e reformas

efetuadas no Hospício de Alienados no Rio de Janeiro. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria. Rio de Janeiro, n.1, 1905.

\_\_\_\_\_. Nothnagel, Karl Wernicke e John Sbbad. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria. Rio de Janeiro, 1905.

\_\_\_\_\_. Assistência aos epiléticos: Colônias para eles. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.167-182, 1905.

\_\_\_\_\_. AUSTREGÉSILO A.. Contribuição ao estudo da boubá brasileira.

(Memória apresentada no II Congresso Médico Latino Americano). Revista Brasil Médico. Rio de Janeiro, p.20, 1904.

\_\_\_\_\_. Contribuição ao estudo da hematologia da lepra: Comunicação ao Congresso de Medicina. Lepra Revista Internacional. (s.l.), Resumo, 1903.

\_\_\_\_\_. Clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas na Universidade de Wirtzburgo. Revista do Grêmio dos Internos da Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, abril, 1902.

\_\_\_\_\_. A propósito de novos casos de Ainhum. Revista da Sociedade Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.10, 1902.

\_\_\_\_\_. Nova contribuição ao estudo dos reflexos tendinosos na fase post-paroxística da epilepsia. Revista Brasil Médico, (s.l.), n.44, 1902.

\_\_\_\_\_. Clínica psiquiátrica e de moléstias nervosas na Universidade de Halle. Revista do Grêmio dos Internos da Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, set./dez., 1901.

\_\_\_\_\_. Clínica psiquiátrica da Universidade de Leipzig. Revista do Grêmio dos Internos da Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, 15 de junho, 1901.

\_\_\_\_\_. Secções de Psiquiatria e Neurologia do XIII Congresso Internacional de Medicina de Paris. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, janeiro, 1901.

\_\_\_\_\_. XIII Congresso Internacional de Medicina e Cirurgia de Paris. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, janeiro, 1901.

\_\_\_\_\_. Rud Virchow: traços gerais de sua vida. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, n.4, 1901.

\_\_\_\_\_. Rud Virchow, antropologista. Revista do Grêmio dos Internos da Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, n.4, 1901.

\_\_\_\_\_. Lugar das miccionais em neuropatologia. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, 1901.

\_\_\_\_\_. Necessidade da fundação de laboratórios nos serviços hospitalares. In: CONFERÊNCIA DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA. (trabalhos apresentados no...) Bahia: Revista Gazeta Médica da Bahia, 1901.

\_\_\_\_\_. Clinoterapia, difusão do seu uso, sua técnica, e resultado no tratamento das psicoses. Bernard Frères. Rio de Janeiro, p.49, 1901.

\_\_\_\_\_. Revista Brasil Médico., (s.l.), 1901.

\_\_\_\_\_. Asilo Colônia de Alienados em Juqueri. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, 1901.

\_\_\_\_\_. Revista Médica de São Paulo. São Paulo, 1901.

\_\_\_\_\_. IV Congresso Internacional de Dermatologia de Paris. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, 1901.

\_\_\_\_\_. Neue pathologischer anatomischer und klinischer Beitrag zur Kenntniss des Ainhum. Monatscher fur Dermatologie. (s.l.), v.30, 1900.

\_\_\_\_\_. Note sur une nouvelle médication contre la lepre. In: CONGRESSO DE MEDICINA DE PARIS, 13, 1900. Paris. Comunicação. (s.l.), 1900.

\_\_\_\_\_. Sífilis como fator da degeneração psíquica. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, n.7, julho, 1899.

\_\_\_\_\_. Método de flechsig e a hiperexcitabilidade cortical nos epiléticos. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, v.30, n.6, p.339, dezembro, 1898.

\_\_\_\_\_. Prof. Alfredo Kanthack: traços biográficos. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, v.30, p.277, dezembro, 1898.

\_\_\_\_\_. Alimentação pelo arroz e o beribéri perante a observação dos médicos holandeses. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, v.30, dezembro, 1898.

\_\_\_\_\_. Reflexos tendinosos na fase post-paroxística da epilepsia. Anais da Sociedade Medica Cirurgica. Bahia, julho, 1896.

\_\_\_\_\_. Tendências da Dermatologia hodierna. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, n.2, 1896.

\_\_\_\_\_. Disquinesias arsenicas, nova contribuição e estado atual da questão.. Tese (Professor Substituto). Hospital Santa Isabel da Bahia, 110 p., 1896.

\_\_\_\_\_. Tifose sífilítica – Cura por injeções intra-musculares de calomelanos. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, 31 dezembro, 1895.

\_\_\_\_\_. Revue Médico-Cirurgicale, (s.l.), janeiro, 1896.

\_\_\_\_\_. Pasteur – Sociedade de Medicina da Bahia. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, outubro, 1895.

\_\_\_\_\_. Culpabilidade dos sífilíticos que se casam. Revista Médico Legal. (s.l.), 01 setembro, 1895.

\_\_\_\_\_. Sífilis no período da involução senil. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, ago./set., 1895.

\_\_\_\_\_. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, v.27, 1895.

\_\_\_\_\_. Satumisme et Syphilis maligne. Annales de Dermatologie et de Syphiligraphie. Paris, n.6, jui, 1895.

Karl Ladwig, Karl Tierch, Karl Vogl. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, junho, 1895.

\_\_\_\_\_. Hydroa vacciniforme. British Journal of Dermatology. London, v.7, june, 1895.

\_\_\_\_\_. Distribuição geográfica do botão endêmico dos países quentes. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, junho, 1895.

\_\_\_\_\_. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, 1895.

\_\_\_\_\_. Arsenical affections of the Skin. British Journal of Dermatology. London, v.7, june, 1895.

\_\_\_\_\_. Urticária consecutiva ao emprego da santonina. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, n.4, 1895.

\_\_\_\_\_. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, v.27, maio, 1895.

\_\_\_\_\_. FONTES, T. e VIANA, A.. Assistência à alienados na Bahia. Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Bahia, 1895.

\_\_\_\_\_. Existe na Bahia o botão de Biskra ? Anais da Sociedade Médica Cirúrgica. Seção de 30 de dezembro. Bahia, 1894.

\_\_\_\_\_. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, 1895.

\_\_\_\_\_. Faringismo tabético. Revista Gazeta Médica da Bahia. Bahia, v.26, p.203, 1894.

\_\_\_\_\_. Revista Brasil Médico. Rio de Janeiro, 1894.

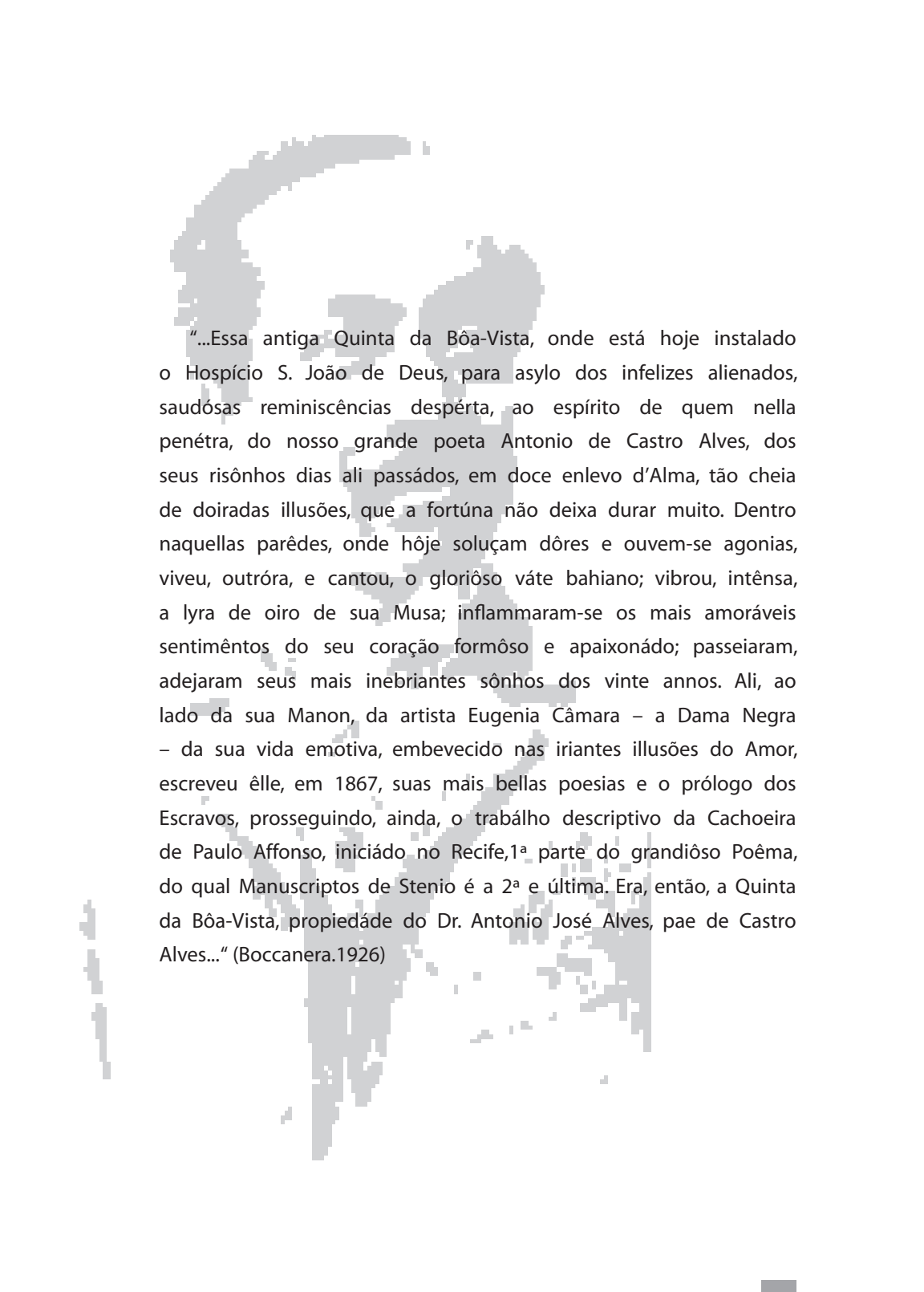
\_\_\_\_\_. Músculo acrômio-clavicular. Revista Brasil Médico. Rio de Janeiro, 1893.

\_\_\_\_\_. Etiologia da sífilis maligna precoce. Tese (Bacharelado em Medicina). Faculdade de Medicina de Salvador, 1891.



SEGMENTO II | A INSTITUIÇÃO





“...Essa antiga Quinta da Boa-Vista, onde está hoje instalado o Hospício S. João de Deus, para asylo dos infelizes alienados, saudosas reminiscências desperta, ao espírito de quem nella penetra, do nosso grande poeta Antonio de Castro Alves, dos seus risônhos dias ali passados, em doce enlevo d’Alma, tão cheia de doiradas illusões, que a fortuna não deixa durar muito. Dentro naquellas parêdes, onde hõje soluçam dôres e ouvem-se agonias, viveu, outróra, e cantou, o gloriôso vate bahiano; vibrou, intênsa, a lyra de oiro de sua Musa; inflammaram-se os mais amoráveis sentimentos do seu coração formôso e apaixonado; passeiaram, adejaram seus mais inebriantes sônhos dos vinte annos. Ali, ao lado da sua Manon, da artista Eugenia Câmara – a Dama Negra – da sua vida emotiva, embevecido nas iriantes illusões do Amor, escreveu êlle, em 1867, suas mais bellas poesias e o prólogo dos Escravos, prossequindo, ainda, o trabálho descriptivo da Cachoeira de Paulo Affonso, iniciádo no Recife, 1ª parte do grandioso Poêma, do qual Manuscriptos de Stenio é a 2ª e última. Era, então, a Quinta da Boa-Vista, propiedade do Dr. Antonio José Alves, pae de Castro Alves...” (Boccanera.1926)



## Sua História

---

O início do século XIX no Brasil (colônia de Portugal), foi marcado por uma fase de profunda transformação social, econômica e cultural com a vinda da família Real. Chegando ao Rio de Janeiro, D.João VI implantou uma estrutura administrativa que permitiu ao governo imperial criar vários organismos públicos que conseqüentemente trouxeram o crescimento dos setores produtivos, juntamente com os quinze mil novos habitantes que vieram da Corte, provocando um rápido crescimento demográfico e uma total transformação urbana.

A medicina nacional no período já começava a atentar para a presença dos doentes mentais. Tal preocupação cristalizou-se em 1829 quando foi criada a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

Oriunda das idéias adotadas, em particular, pela escola francesa baseava suas teorias no movimento higiênista, que tinha entre seus objetivos investigar o cotidiano da cidade, realizando um profundo diagnóstico sanitário das instituições existentes na Corte, constatando as precárias condições de vida dos loucos na cidade, que viviam nas ruas e abrigados nas prisões.

Na época do Brasil Colônia, perdurava o princípio de que os indivíduos eram tratados conforme a sua origem de classe social. O louco “rico” ficava no âmbito familiar. O louco “pobre” era deixado livre ou colocado em prisões, morrendo de fome ou por violência física.

O médico José Francisco Xavier Sigaud através do periódico – “Diário da Saúde” – publica um artigo intitulado “Reflexões acerca do tratamento livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro”(1835).

Dois anos depois (1837) é apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a primeira tese médica sobre a alienação mental, defendida por Antonio Luiz da Silva Peixoto, com o título “Considerações gerais sobre a alienação mental”, na qual o autor defendia a necessidade de existir um hospital para loucos na capital do Império. No mesmo ano o médico Luiz Vicente De-Simoni publica na Revista Médica Fluminense o artigo: “Importância e necessidade de criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados”.

Esta movimentação médica objetivava criar um estabelecimento especial para o tratamento do alienado, indo ao encontro da teoria do pensamento alienista francês que tinha sido sistematizado por Philippe Pinel, onde suas diretrizes fundamentais baseavam-se no isolamento e no tratamento moral dos alienados.

Iniciaram-se o recolhimento dos doentes às celas e enfermarias das Santas Casas de Misericórdia em todas as Províncias da Corte. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro desencadeia um movimento identificado como “Raízes da medicalização”, do qual surgiu o projeto de psiquiatrização.

Definindo a loucura como objeto da medicina, o que proporciona o nascimento da Medicina Mental no Brasil. Ao tratamento dos loucos – os hospícios.

Embora com sérias críticas e denúncias, as entidades médicas aliaram-se a Instituição religiosa (Santa Casa da Misericórdia).

Neste mesmo período na cidade de Salvador – Bahia, os loucos ainda eram colocados nas celas do Hospital de São Cristóvão da Sta. Casa de Misericórdia. Durante o ano de 1833, boa parte deles foram transferidos e colocados no antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus e muitos ainda ficaram mantidos nas prisões.

Durante 1839 como conseqüências das discussões promovidas pelos meios acadêmicos, o Império por intermédio do Ministro José Clemente Pereira, que também era o Provedor da Santa Casa de Misericórdia, viabiliza os recursos que possibilita a construção do primeiro hospital para alienados na Corte.

Era o dia 18 de julho de 1841, e no ato de sagração de Pedro II como Imperador, que procurando construir uma imagem de autoridade justa e humanista, decreta a criação do Hospício de Pedro II no Rio de Janeiro.

“ Decreto n.º:82 de 18 de julho de 1841.

Desejando assinalar o fausto dia de minha sagração com a criação de um estabelecimento de publica beneficência, hei por bem fundar um hospital destinad privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de Hospício de Pedro II, o qual ficará anexo ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia desta Corte, debaixo de minha imperial proteção applicando desde já para principio da sua fundação o produto das subscrições promovidas por uma comissão de praça do commercio, e pelo provedor da sobredita Santa Casa, além das quantias com que eu houver por bem contribuir. Cândido José de Araújo Vianna do meu conselho, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império e que tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro, 18 de julho de 1841, 20 da Independência e do Império. Com a rubrica de S.M. o Imperador. Cândido José de Araújo Vianna. D. Pedro II, Imperador do Brasil.”

No entanto, somente em 8 de dezembro de 1852, o Hospício de Pedro II é inaugurado na proximidade da Praia da Saudade, depois conhecida como Praia Vermelha. Mostrando sua construção uma grandiosa obra arquitetônica inspirada nos importantes asilos europeus e, o primeiro espaço público de cuidado psiquiátrico no País, fortalecendo a política de confinamento da loucura.

Fruto das movimentações no Rio de Janeiro, em 18 de Outubro de 1858, o “Inspetor de Saúde”, médico José de Góes Sequeira, protesta fortemente contra as péssimas condições dos insanos na Bahia.

Depois em 1864 o Governo da Província Baiana tomou a iniciativa de responder as pressões que já existiam da classe médica, baixando a Lei Provincial nº 950 de 27 de maio, autorizando a criação do “Asylo São João de Deus”.

No dia 18 de Julho de 1866 é criada a “Gazeta Médica da Bahia” periódico que se tornou o grande espaço de pressão e crítica à assistência aos alienados da época. Foram publicados em suas páginas textos de Góes Sequeira que dizia:

“dessa época em diante vastos e sumptuosos asylos se, tem fundado, onde são recolhidos milhares de alienados, os quaes, senão recuperam sempre a razão, encontram, ao menos, cuidados (...) a realização d’esse desideratum não é difficil desde que o govêrno da Província, authorisado como se acha pela Assembleia Provincial, reunir seus esforços e recursos aos de que dispõe a Santa Casa”.

O Presidente da Província propôs a remoção dos loucos, inicialmente para um edificio na Quinta dos Lázaros que sem condições de abrigá-los adequadamente é substituído por uma casa no Paço de Itapagipe. A compra não se concretizou. A Assembléia Provincial decreta a Resolução nº: 1001 de 28 de outubro de 1867 que dizia no seu artigo 1º:

“Para execução do disposto no §5 do Art. 3º da Lei n. 950 de maio de 1864, o governo da Província fará aquisição do sítio e casa contígua ao asylo da Misericórdia à rua do Campo da Pólvora, de propiedade do Commendador Francisco Ezequiel Meira, ou outra igualmente conveniente, de acordo com a administração da Santa Casa de Misericórdia”.

Mais uma vez nada foi realizado. Passaram-se os anos.

A mobilização e as pressões dos médicos, especialmente aqueles exercendo cargos políticos como Deputados Provinciais – Álvares da Silva, Demétrio Cyriaco Tourinho e J.Luiz d’Almeida Couto,



conseguiram que em 18 de julho de 1869, fosse baixada a Resolução Provincial nº. 1089, que autorizava a compra do prédio da Quinta da Boa Vista para que ali fosse fundado um hospital de alienados.

Por iniciativa do Vice-Presidente da Província – o Desembargador Antonio Ladislau de Figueredo Rocha é adquirido em hasta pública do Juízo Municipal da 2ª Vara, no dia 26 de Agosto de 1869, a casa, a fazenda e todas as suas dependências pela quantia de 60:366\$210 e mais os 51:775\$730 provenientes de donativos para as famílias dos voluntários da Pátria, quantia que se achava depositada, e a juros desde 1866. (Boccanera, 1926).

Em 26 de setembro de 1869 foi entregue todas as dependências e o imóvel a Santa Casa de Misericórdia. Porém, o conflito ocorrido entre a administração da Irmandade da Misericórdia e o Governo do Visconde de São Lourenço, fez permanecer todas as iniciativas paralisadas. No dia 16 de abril de 1873, foram celebrados pelo Desembargador João José de Almeida Couto – Barão do Desterro – com a Santa Casa, a realização das obras e reformas necessárias. Finalmente, em 24 de Junho de 1874, a Irmandade administradora da Santa Casa de Misericórdia consegue inaugurar na cidade do Salvador – Bahia, o Asylo São João de Deus.

“Nascia o asylo da união “contraditória” entre a Santa Casa, fração do aparelho religioso dominante sobre o Estado monárquico, e o aparelho médico em constituição, ainda em luta pela hegemonia no cuidado à doença – e a loucura em particular.” (Jacobina, 1985).

Enquanto isto logo após a inauguração do Hospital de Pedro II, no Rio de Janeiro, começava as discussões indicando que o grandioso prédio não parecia uma instituição médica, mas somente uma instituição filantrópica.



Acta de Fundação. Fotografia do original gentilmente cedido pelo Arquivo Público Estadual

A criação do hospício foi consequência de reivindicações médicas, mas sendo o médico considerado naquele tempo (ainda século, XIX) como o único agente autorizado da ciência alienista. Porém, não tinha poder decisivo sobre a Instituição. Ao contrário, colocava-se subordinado às decisões da Santa Casa e é limitado no exercício profissional pela presença das religiosas, que exerciam plenamente os serviços nas enfermarias.

Cristalizou-se, naquele tempo, o início das contradições dos técnicos. Enquanto exerciam um mandato político de repressão à loucura, conviviam, por outro lado, com a necessidade de estarem juntos ao Asylo para desenvolverem o conhecimento técnico-científico.

Superar a contradição entre os interesses de manutenção da ordem pública e as necessidades do doente.

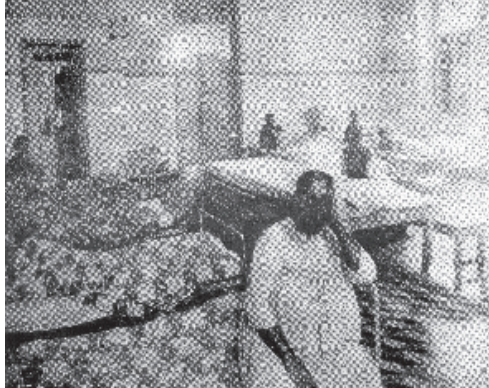
As crises se sucedem agudizando-se as contradições com superlotação e precárias condições no estado de saúde dos alienados. Chegado o fim do Império (1889), foi incrementada a luta da classe médica pela melhoria das condições de assistência aos doentes mentais. A Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia por intermédio dos médicos Juliano Moreira, João Tillemont Fontes e Aurélio Rodrigues Vianna divulgavam o relatório: “Assistência dos Alienados na Bahia”, no qual foi registrado os aspectos de salubridade, estrutura física e organização do Asylo de Salvador.

Enquanto isto, no Rio de Janeiro em 1897 a Imprensa Nacional publica um artigo do médico carioca João Carlos Teixeira, que apontava os inúmeros problemas existentes no hospício da Praia Vermelha, afirmando que parecia muito mais um – palácio para loucos – pois, inexistia ali, uma orientação técnica que fizesse dele uma instituição médica de alienistas. Ao clima de insatisfação da classe médica juntava-se o conflito declarado entre o novo Governo Republicano e as Santas Casas de Misericórdia.

Na Bahia, O Governador do Estado, J. J. Seabra, por meio de Decreto, em 01 de Maio de 1912, torna o Asylo São João de Deus um organismo público.

Em 29 de julho de 1925 pela Lei Estadual n.º: 1811 declaram-no como “Hospital São João de Deus”.

Nestes anos iniciais do novo século XX sucessivas reformas e ampliações na estrutura física do hospital foram sendo realizadas. Construíram-se novos pavilhões para internações. Em 1930 aconteceu o golpe de Estado e profundas transformações ocorreram na política nacional.



Enfermaria de Pacientes Feminino  
Pavilhão Julio de Matos.



Enfermaria de Pacientes Masculinos  
Pavilhão Emil Kraepelin.



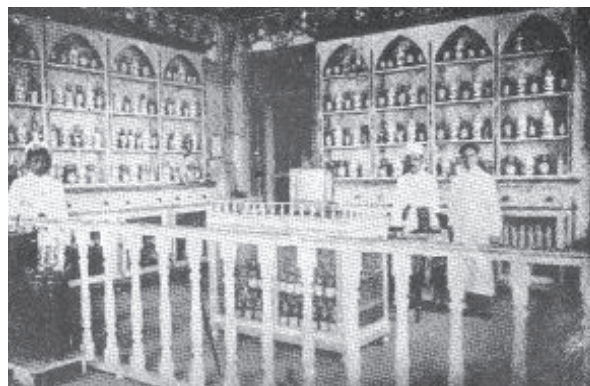
Enfermaria de Pacientes  
Masculino.



Espaço de assistência a interno  
pensionista – (quarto particular).



Gabinete do Diretor-Geral  
(Fotos de Antonio B. Pragner - 1919.)



Farmácia Central.



A Nação em maio de 1932 foi surpreendida com o falecimento do Professor Juliano Moreira no Rio de Janeiro.

O Governo da Bahia, na época sendo Interventor Juracy Magalhães, finalmente lembra-se de homenagear o genial baiano. Somente em 27 de agosto de 1936 por intermédio da Lei Estadual nº.:075 decidem transformar a denominação institucional.

Surge o “Hospital Juliano Moreira”.

Transcorria o ano de 1947, quando Anízio Teixeira assume a Secretaria Estadual de Saúde e Educação. Naquele ano o médico Oswaldo Camargo, sendo Diretor-Geral elabora o relatório de atividades anual onde afirmava:

“Ninguém desconhece o extremo estado de abandono em que se encontra o Hospital, onde mais de 600 doentes se amontoam em sórdidos pavilhões, sem higiene, sem roupas, sem alimentação suficiente, onde falta tudo desde o mais elementares princípio de solidariedade humana. A escabiose, as ftiríases eram quase universais entre os doentes, desse modo encontramos grande número de pacientes em avançado estado de carência, despídos, imundos, em ambientes que exalava cheiro pútrico (...) outros doentes cercados de grades e vigiados apenas pelo lado de fora por alguns soldados de polícia e, pelas informações que obtivemos, saía quase que diariamente um cadáver e somente nestas ocasiões alguém entrava no pavilhão”.

Tentativas governamentais de reformas físicas foram repetidas, mas o velho prédio de Brotas continuava se deteriorando.

Ao final dos anos setenta (século XX) a população interna do hospital era em torno de 450 pacientes, provenientes dos diversos lugares do Estado da Bahia.

Registrava-se que um terço dos pacientes eram crônicos e estavam incapacitados para o desempenho de atividades e convivência social. Destinados a viverem eternamente no interior do hospital, os outros dois terços eram pacientes que se reinternavam com frequência dentro de um ciclo vicioso, também cronificador.

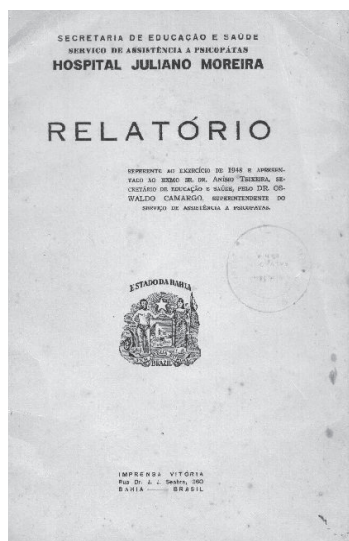
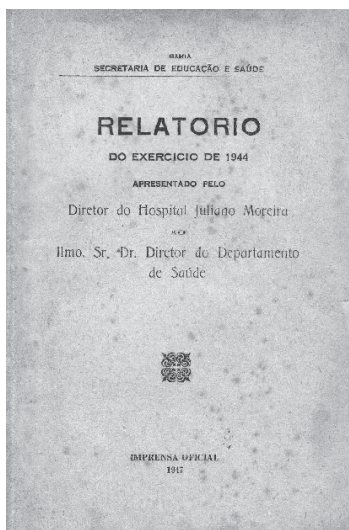
A grande maioria dos pacientes vivia sujo, mal alimentado, precariamente medicado e sem privacidade.

Os velhos tempos do “Asylo” se mantinham.

As mesmas contradições presentes.

Em 1964 é aplicado um novo golpe de Estado, tendo como consequência o cerceamento da liberdade de expressão, a repressão política. Concentração de renda. Migração interna acentuada. Explosão urbana. Expansão da violência

Acervo do Memorial JM



Nos anos setenta não se fazia mais presente a Sociedade de Cirurgia e Medicina da Bahia, mas agora existia a Associação Psiquiátrica da Bahia (APB), com novas lideranças médicas, porém mantendo o mesmo discurso e críticas realizada pelos seus antigos colegas da então Sociedade – Juliano, Tillemont e Aurélio Viana.

A cultura imperial do Asylo continuava no republicano Hospital.

A construção da democracia política foi mobilizando e engajando diversas categorias profissionais por intermédio de suas associações e sindicatos. Foi o período do aparecimento do “profissional de Saúde Mental”.

Desencadeia-se uma ocupação permanente dos espaços existentes na sociedade nacional, mantidos ainda nos tempos atuais, denunciando a violência, a segregação, a repressão e as condições sub-humana nos hospitais psiquiátricos e, a inexistência de uma política nacional de Saúde Mental.

O novo tempo de redemocratização permite nascer na vida institucional, um dos mais importantes movimentos de defesa e transformação histórica do hospital. Debates internos e assembléias mobilizando todas as categorias profissionais foram realizados sobre as precárias condições de vida dos pacientes, do trabalho dos técnicos e o modelo estadual de assistência psiquiátrica.

Uma Instituição centenária continuava caótica, fruto da insensibilidade do poder público, distanciada da sociedade e carregando o peso da visão exclusivista e preconceituosa da doença mental.



Acesso principal  
ao Hospital no  
bairro de Brotas  
em 1980.

Fotos do Acervo do MemorialJM, 1979/1980 (autor desconhecido)



Pavilhão Alfredo Britto – pacientes  
femininos.



Área Externa (Fundos) do Hospital no  
bairro de Brotas em 1980.



Pavilhão Anísio Circundes – pacientes  
femininos.



Pavilhão Demétrio Tourinho – onde  
funcionavam Farmácia, Gab. Odontológico,  
Laboratório e Emergência.



Pavilhão Emil Kreapelin  
– pacientes femininos.





Pavilhão Manoel Vitorino.  
Manicômio Judiciário para  
pacientes masculinos.



Pavilhão Julio de Mattos – pacientes  
femininos.



Pavilhão Antonio Simões Enfermarias Clínica



Pavilhão de Terapia Ocupacional



Setor de Nutrição e Cozinha

Pavilhão Aristides Novis  
– pacientes masculinos.



Aos dias finais de 1974 com a transformação das lideranças na APB, acelerava-se um debate crítico sobre a prática e a teoria psiquiátrica. A situação da política de Saúde Mental vigente, bem como a assistência psiquiátrica adotada no Estado, origina na publicação do documento “Memorial da APB”. Em novembro de 1979, numa assembléia geral dos Servidores, são eleitos os técnicos Célia Maria Azevedo de Oliveira (Terapeuta Ocupacional), Dinalva Lordelo Almeida Costa Santos (Nutricionista), Edna Amado Nonato (Assistente Social), Gustavo Henrique Lopes Pinheiro (Médico), João Melo Filho (Médico), Maria do Carmo Rocha (Enfermeira) e Tânia Lucia Guanaes Gomes Sá (Psicóloga) que elaboram o “Plano para Reformulação do Hospital Juliano Moreira” inserindo-o numa visão mais ampla, objetivando também a definição de uma política de Saúde Mental para a Bahia.

Iniciavam o texto do documento afirmando:

“A simples reforma do hospital seria uma atitude inócua. A desativação do Hospital, com a criação apenas de uma nova unidade, no aspecto da estrutura física, não passaria de repetições de erros anteriores com uma nova roupagem. Ou seja, a questão do Hospital Juliano Moreira não se resume ao arcaísmo e inadequação de sua estrutura física, mas a toda uma problemática das instituições psiquiátricas em países como o nosso, e a atual política em Saúde Mental.”

A decisão unilateral do governo era destruir as construções e a total desativação do espaço ocupado pelo Hospital Juliano Moreira no bairro de Brotas. Adaptar um prédio construído no espaço do recém inaugurado Hospital Central Roberto Santos e transferir todos os pacientes crônicos para a Colônia Agrícola localizada na cidade de Feira de Santana no interior do Estado.

Ao final da manhã de 18 de março de 1982, repetindo os tradicionais eventos políticos ao som do hino nacional e hasteamento de bandeiras era inaugurado no bairro de Narandiba (zona oeste de Salvador), o novo prédio do Hospital Juliano Moreira.

A mobilização dos organismos profissionais e o engajamento dos Servidores do hospital mantiveram-se vigilantes continuamente.

Os ventos da nascente democracia política brasileira não permitiram que a cultura do “Asylo”, com sua excrescência medieval, segregacionista e obscurantista se mantivesse num outro prédio às pressas reformado e adaptado às características de um hospital psiquiátrico.

A liderança efetiva do Mestre Juliano Moreira, Deu origem a promulgação da Lei Federal (Decreto nº 1.132 de 22.12.1913) que permitiu e execução das reformas iniciais de assistência aos alienados.

Dezenas de anos depois e fermentado pelo espaço democrático vigente, a Nação produziu por intermédio do Congresso Nacional a Lei nacional nº.: 10.216, promulgada em 6 de abril de 2001, fruto das ações do Deputado, mineiro, Paulo Delgado. A nova lei vem dispor sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em Saúde Mental. Foi a segunda Lei brasileira de psiquiatria.

Hoje, após quase um século e meio como parte integrante na história da cidade do Salvador, o “Juliano Moreira da Bahia” mesmo com muitas limitações, dificuldades e contradições, ainda não superada, é referência em todo o Brasil na execução das políticas públicas em Saúde Mental na região norte e nordeste.



Evento comemorativo de ocupação do novo prédio do hospital no bairro de Narandiba  
(Acervo do MemorialJM)

Entra neste século XXI, no contexto contemporâneo das políticas de Saúde Mental, procurando ser uma Instituição pública que para continuar viva e atuante, nesta nova ordem mundial, e dentro das transformações ocorridas na sociedade nacional estará irreversivelmente comprometida em construir uma organização pública moderna, republicana, comprometida com a dignidade do ser humano e desmistificadora da loucura.



Demétrio C. Tourinho.  
(1826 – 1880)

Médico. Deputado  
Provincial. Primeiro Diretor-  
Geral do Hospital.  
Acervo MemorialJM

## Diretores Gerais

---

- Século XXI

29º) André Sampaio Furtado

2007

28º) Marcelo Frederico dos Santos Veras

2000-2007

- Século XX

27º) Hunaldo Fonseca Costa

1991-2000

26º) Antonio Carlos Souza

1987-1990

25º) Bernardo de Assis Filho

1987-1990

24º) Francisco Antonio de Moura Santos

1978-1987

23º) José Raymundo Caribé Pinho

1973-1978

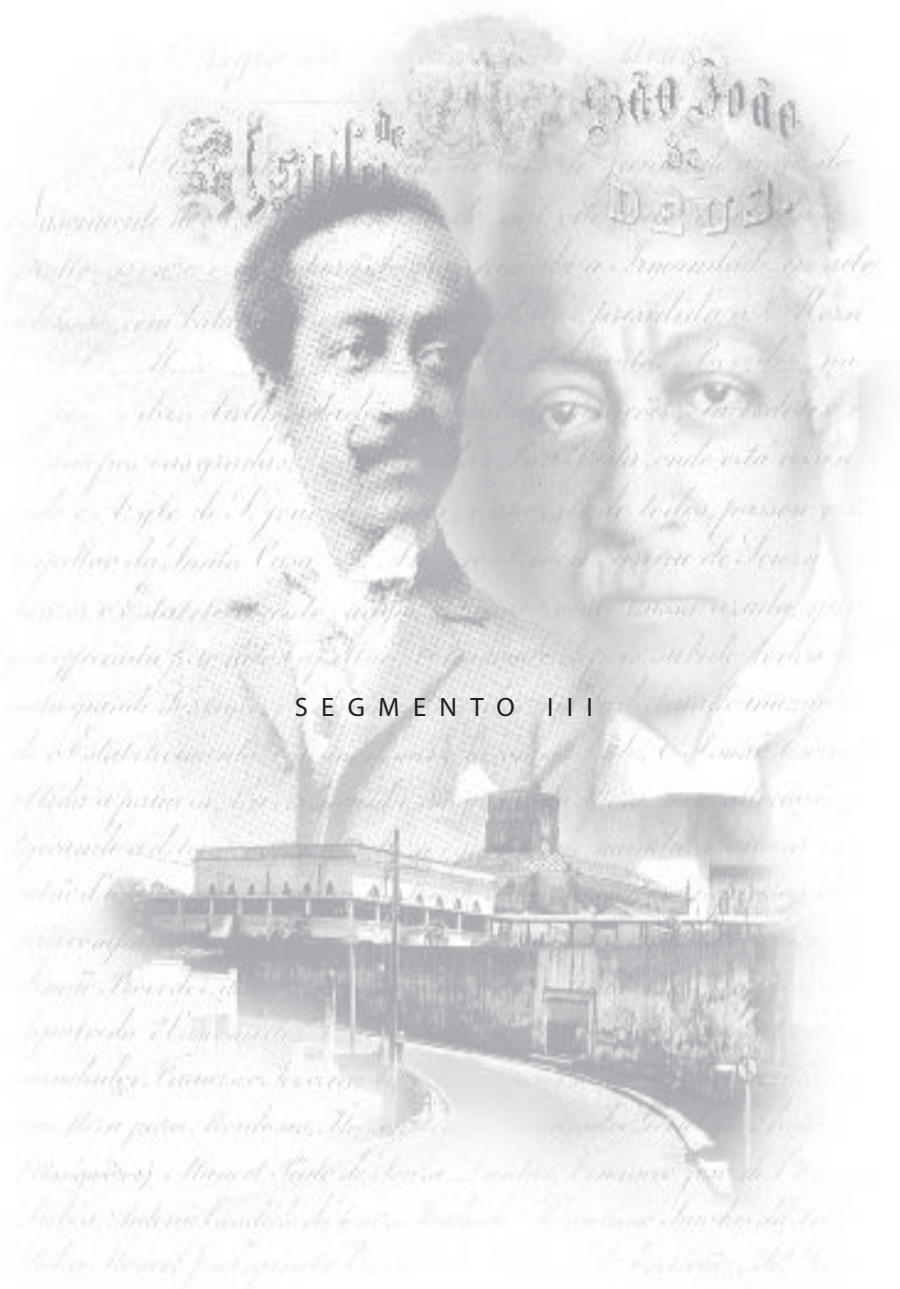
22º) Oséas Alves de Souza

1967-1973

21º) Raymundo Rocha Filho

1953-1967

20º) Oswaldo Camargo	1947-1953
19º) João Mendonça	1938-1947
18º) Luis Ribeiro de Sena	1938
17º) Pery Guimarães	1937-1938
16º) Aristides Novis	1928-1937
15º) Francisco Tavares de Carvalho	1926-1928
14º) Mário Carvalho Leal	1920-1926
13º) Antonio Barreto Prager	1916-1920
12º) Eutyquio Leal	1912-1916
11º) Rodolfo Gersino dos Santos	1898-1912
• Século XIX	
10º) Luiz José de Meirelles	1896-1898
09º) João Luciano da Rocha	1895-1896
08º) Francisco Leitão de Carvalho	1894-1896
07º) Francisco de Assis Gomes	1892-1894
06º) Olimpio dos Santos Albano	1886-1892
05º) José Pereira de Mello Morais	1881-1886
04º) Josino Pereira Cotias	1881
03º) Anísio Circundes de Carvalho	1879-1881
02º) José de Teive e Argolo	1877-1879
01º) Demétrio Cyriáco Tourinho	1874-1877



SEGMENTO III

## Fontes Consultadas

---

Os textos desta publicação foram produzidos partindo-se de consultas e uma livre adaptação nas fontes abaixo relacionadas:

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIENCIAS. > [www.amelia.moro@abc.org.br](mailto:www.amelia.moro@abc.org.br)< (acessado em 8.11.2005).

AMARANTE, Paulo (Coord.).Saúde mental, políticas e instituições: programa de educação à distância. Rio de Janeiro: FIOTEC/FIOCRUZ, EAD/FIOCRUZ, 3v., i., 2003.

ARQUIVO DO MANICÔMIO JUDICIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1931, v.2, p.34.

BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. Bahia Civita e Religiosa, Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 1926, p.350-355.

BOLETIM HOSPITAL JULIANO MOREIRA. Salvador: EGIC, n.98, 1979. p. 5-28.



BOLETIM HOSPITAL JULIANO MOREIRA, Salvador, n.101, 1981. p.4.

CAMARGO, Oswaldo. Relatório do Hospital Juliano Moreira à Secretaria de Saúde, 1947. In: Plano para Reformulação do Hospital J. Moreira, 1979, Salvador, p.10-11.

CARRILHO, Heitor. Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1933, v.4, n.1-2, p.1-20.

COLARES, J.V. Retrato de Juliano. In: CONFERÊNCIA COMEMORATIVA DOS 100 ANOS DE NASCIMENTO DE JULIANO MOREIRA, 1973, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro:

Academia Nacional de Medicina, 1973. (mimeografado).

CORREIO DA BAHIA. Galeria de Notáveis/Ofício de Doutor. Suplemento Correio Repórter.29.07.2001, p.6.

HOSPITAL NACIONAL DOS ALIENADOS. História da assistência aos doentes mentais no Brasil. VASCONCELOS, Maria de Fátima Viana de. [s.i.]:[s.d.] [Tese Acadêmica]

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. O silêncio dos inocentes. Revista Baiana de Saúde Pública.v.26, n.1-2, jan./dez., 1922, p.41.

\_\_\_\_\_.O asilo e a constituição da psiquiatria na Bahia, Salvador, 1982.(Dissertação de Mestrado, UFBA).

LOPES, José Leme. Título. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v.13, n.1, 1964. p.3-19.

PAIM, I. O Hospital psiquiátrico: As origens, as transformações e seu destino. Rio de Janeiro, v.25, p.147-158.

PENAFIEL, Carlos. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal: Rio de Janeiro, 1913, v.9, p.120-136.

PICCININI, Walmo J. História da Psiquiatria – Juliano Moreira. Associação Brasileira de Psiquiatria, São Paulo. < (acessado em 06.09.2005).

PRAGUER, Antonio Barreto. Memória sobre a assistência aos alienados na Bahia. EGBA. Salvador, 113 p., 1919.

VENANCIO, Ana Terra A. Revista Estudos Históricos. Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, n.36, jul.-dez., p.59,-73, 2005.



Prédio do Hospital em  
Narandiba.

(Foto de qCarlos Edmundo,  
2001. Acervo MemorialJM)

---

## Anos Marcantes na História da Saúde Mental no Brasil

- 1841 – Fundação do Hospício de Pedro II (Rio de Janeiro, 18 de Julho);
- 1852 – Inauguração do Hospital de Pedro II (Rio de Janeiro. 8 de Dezembro);
- 1872 – Nasce Juliano Moreira (Bahia. 6 de Janeiro);
- 1874 – Fundação do Asylo São João de Deus (Bahia. 24 de Junho);
- 1882 – Criado na Bahia e no Rio de Janeiro o ensino de Psiquiatria nas Faculdades (30 de Outubro);
- 1883 – O Prof. Teixeira Brandão é aprovado como o primeiro Professor de Clínica Psiquiátrica (Faculdade de Medicina. Rio de Janeiro);
  - Inaugurado no Recife o Hospital da Tamarineira. (1 de Janeiro);
- 1886 – Criado o Asilo de Alienados São Vicente de Paulo, conhecido como Asilo de Parangaba (Ceará);
- 1890 – O Governo Federal passa administrar o Hospital de Pedro II (Rio de Janeiro. 11 de Janeiro);

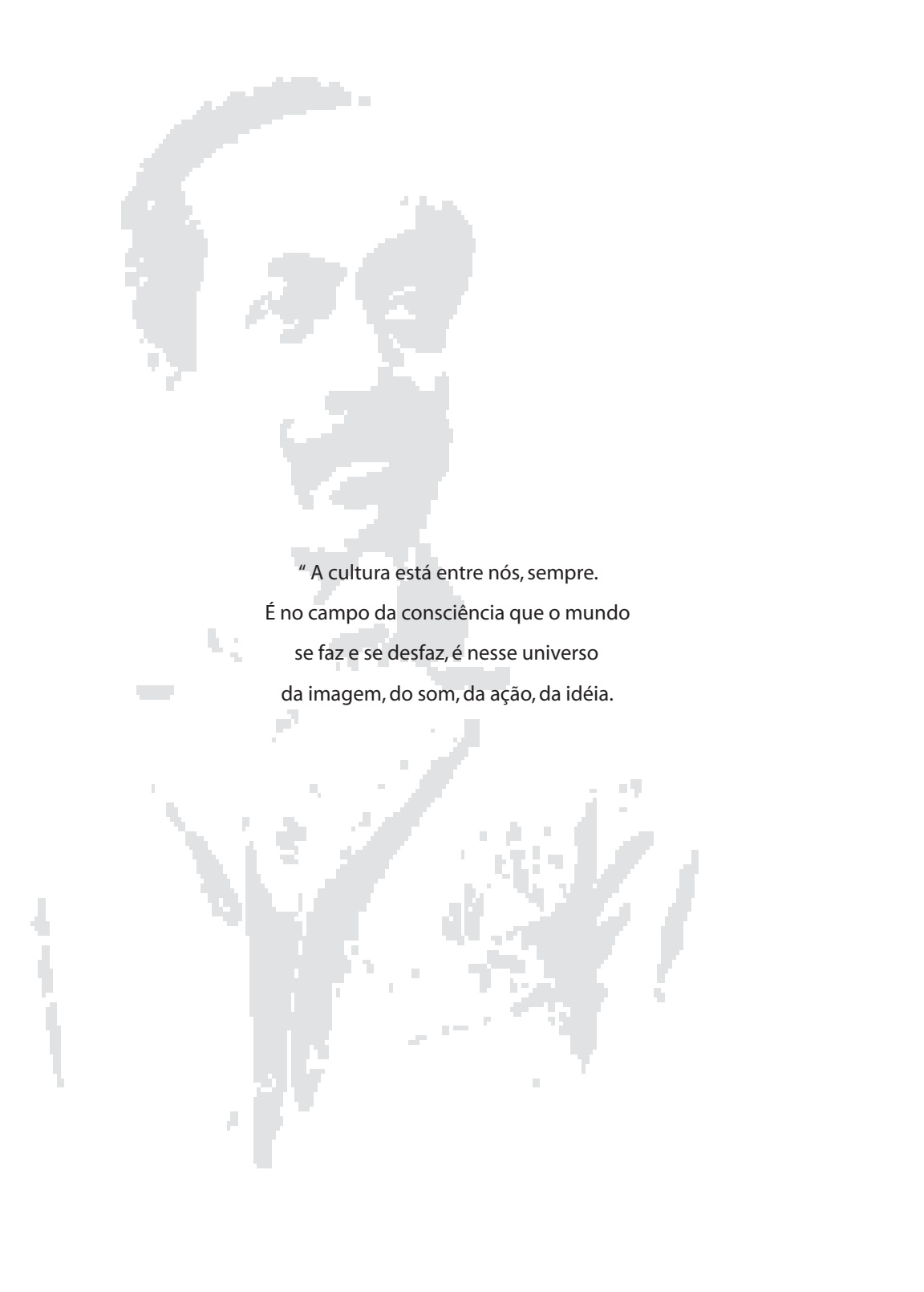
- 1891 – Em Maceió é fundado o Asilo Santa Leopoldina (Alagoas);
- 1892 – Criado o Asylo Sant!Ana (Paraíba);
- 1898 – Construído a Colônia de Alienados de Juquery (São Paulo);
- 1903 – Promulgada a Lei Federal de Assistência aos Alienados (Rio de Janeiro. 22 de Dezembro);
- 1904 – Posse do Professor Juliano Moreira na direção do Hospital Nacional de Alienados;
- 1904 – Construído o Hospital Colônia de Barbacena (Minas Gerais);
- 1904 – Construído a Colônia de Alienados de Vargem Alegre (Rio de Janeiro);
- 1905 – Fundado a Sociedade Brasileira de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Afins (Rio de Janeiro. 17 de Novembro);
- 1911 – Construída a Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (Rio de Janeiro);
- 1912 – O Governo Estadual da Bahia passa a administrar o Asylo São João de Deus (1 de Maio);
- 1919 – Criado o Primeiro Manicômio Judiciário na América Latina(Rio de Janeiro)
- 1923 – Construído a Colônia de Alienados de Jacarepaguá (Rio de Janeiro);
- 1924 – Criada no recife a Escola Psiquiátrica Pernambucana e Ulisses Pernambuco de Melo Sobrinho passa a dirigir o Hospital de Tamarineira;
- 1925 – O Asylo São João de Deus passa a ser chamado de Hospital São João de Deus (Bahia. 29 de Julho);
- 1927 – Construído o Hospital Colônia de Oliveira (Minas Gerais);
- 1928 – Construído o Hospital Colônia Juliano Moreira (Paraíba);
- 1931 – Construído o Hospital Colônia de Barreiros (Pernambuco);
- 1932 – Falece o Professor Juliano Moreira (Rio de Janeiro. 2 de Maio);
- 1936 – Hospital São João de Deus passa a ser denominado de Hospital Juliano Moreira (Bahia. 27 de Agosto);
- 1940 – Construído o Hospital Colônia Eronides de Carvalho (Sergipe);
- 1940 – Construído o Hospital Colônia Portugal Ramalho (Alagoas);
- 1941 – Inaugurado a Colônia Nina Rodrigues (Maranhão. 16 de Março);
- 1942 – Construído o Hospital Colônia Santa Ana (Santa Catarina);
- 1943 - Falece no Rio de Janeiro Ulisses Pernambucano (5 de Dezembro);

- Inaugurado o Manicômio Judiciário em João Pessoa (Paraíba. 16 de Agosto);
- 1946 – Em Natal é implantado o Ambulatório de Higiene Mental criado pelo Psiquiatra João da Costa Machado (1º de Março. Rio Grande do Norte)
- 1954 – Construído o Hospital Colônia Adauto Botelho de Cariacica (E. Santo);
- 1957 – Construído o Hospital Colônia de Natal (Rio Grande do Norte);
- 1977 – Lançado o Plano Integrado de Saúde Mental pelo Min. da Saúde;
- 1979 – Realizado o I Congresso Nac. dos Trabalhadores em Saúde Mental;
- 1982 – Inaugurado o novo prédio do Hospital J. Moreira (Bahia. 17 de Março);
- 1987 – Criado o primeiro Centro de Atenção Psicossocial – CAPS Luiz Cerqueira. (São Paulo);
- 1987 – Realizada I Conferência Nacional de Saúde Mental (Rio de Janeiro);
- 1992 – Regulamentado pelo Ministério da Saúde o funcionamento dos CAPS;
- 1993 – A Comissão Nacional de Saúde constitui a Comissão Nacional de Reforma Psiquiátrica (2 de Dezembro);
- 2000 – Regulamentado pelo Ministério da Saúde os serviços de residências terapêuticas;
- 2001 – Promulgada a Lei de Reforma da Psiquiátrica. (Brasília. 6 de Abril);
- 2002 – Regulamentado pelo Ministério da Saúde o funcionamento dos CAPS.
  - O Ministério da Saúde cria o Programa Nacional de Avaliação do Sistema Hospitalar - PNASH/Psiquiatria (31 de Janeiro);
- 2003 - O Senado Federal aprova a criação do Programa “Volta para Casa” de auxílio financeiro para reabilitação psicossocial (31 de Julho);
- 2004 - Acontece em São Paulo o 1º Congresso Nacional de CAPS (28 de Junho);
  - Realizado em Paracambi o 1º Encontro Brasileiro sobre Residências Terapêuticas .(Rio de Janeiro, 23 de Setembro);
- 2006 – Inaugurado pelo Ministério da Saúde em Fortaleza o milésimo CAPS do Brasil. 18 de dezembro ).



Hospício de Pedro II na Praia Vermelha.

Desenho de Victor Frond. 1852 Fonte: A Saúde no Brasil, n.3,1983, M. Saúde, p.189



“ A cultura está entre nós, sempre.  
É no campo da consciência que o mundo  
se faz e se desfaz, é nesse universo  
da imagem, do som, da ação, da idéia.